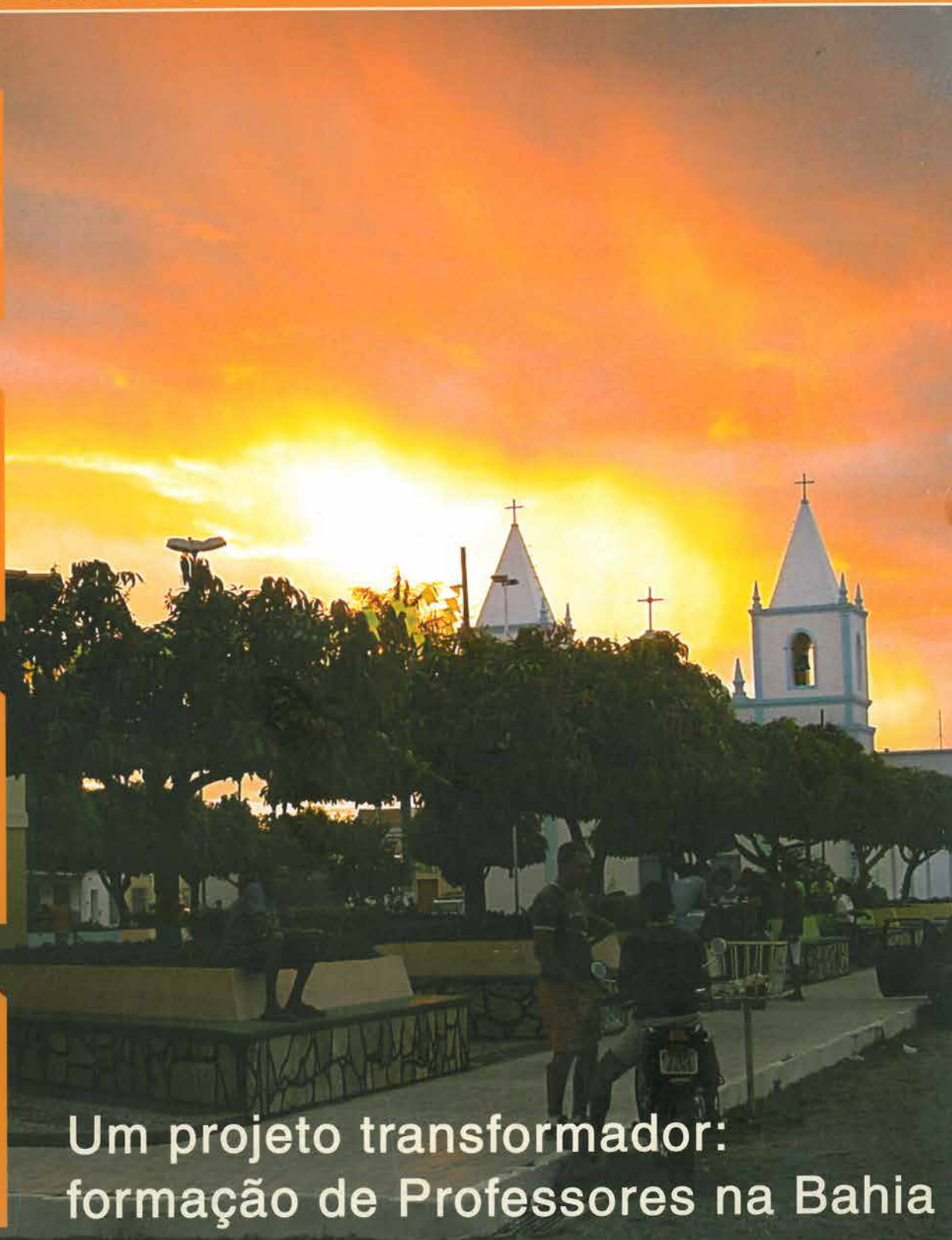
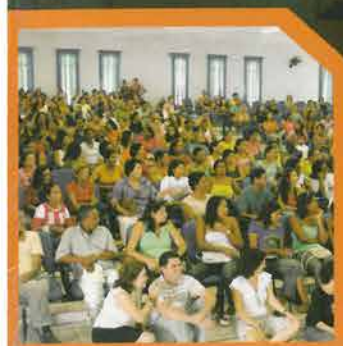
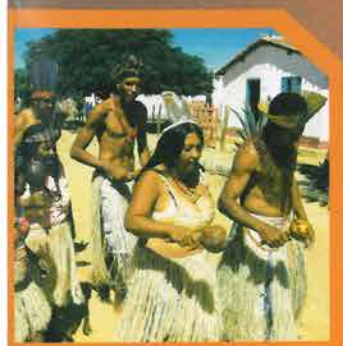


a chama

Ano XXXIII - Nº 71 - Outubro / 2006

APM do Colégio São Vicente de Paulo



Um projeto transformador:
formação de Professores na Bahia

Projeto Cesta Básica

Caro Pe. Lauro,

Venho de novo conversar um momento com o Sr., agora sobre o Projeto Cesta Básica. É uma iniciativa louvável e altamente pedagógica. Espero que envolva não apenas estudantes, mães e pais, mas também o corpo docente. No entanto, tenho algumas perguntas a colocar, relativas ao caráter do projeto: filantrópico ou estruturante?

1. Quais os objetivos da intervenção do CSV na comunidade? Não apenas para o colégio e seus atores, como explica a carta assinada por Nanci Raymundo, mas para a comunidade?
2. Qual o papel da comunidade no projeto? Algum papel ativo ou só de recebedora? Quais os critérios usados para a seleção das famílias que serão beneficiárias? E as outras, não escolhidas, como ficam e como reagem à escolha feita?
3. Vocês fizeram um levantamento das entidades da própria comunidade, associação de moradores etc.?
4. E das entidades externas à comunidade que atuam nela? Há parcerias do CSV com elas?

5. O CSV pede algum compromisso das famílias beneficiárias em troca da Cesta? No caso do Fome Zero, o compromisso é ter as crianças na escola.

6. Que ligação tem o projeto da CSV com o Programa Fome Zero? Como no Pacs trabalhamos com desenvolvimento comunitário, temos o compromisso de partilhar nossa visão desta questão, ainda mais em se tratando de uma escola consciente e de qualidade como o CSV.

Marcos Arruda
(Rio, 22/05/2006)

Prezado Marcos,

Sua carta é dessas que não gosto de receber e dessas que devo gostar de receber. Ninguém gosta de receber um questionamento desses, quando está contente com o que está fazendo, pensando que está fazendo bem as coisas. Vem alguém e questiona tudo, da intenção aos métodos, dos agentes aos resultados... Ao mesmo tempo, é fabuloso poder receber uma ajuda como essa que você nos deu, com a qual, da parte de alguém que entende do assunto, todos somos estimulados e ajudados a pensar criticamente o

que desejamos fazer, para verificar se estamos fazendo o certo, do modo correto, com os passos necessários, ativando os agentes que devem estar implicados no processo etc.

Passei a carta a todos os membros do Conselho Pedagógico e especialmente aos Coordenadores das atividades comunitárias, sociais e pastorais. Refletimos em conjunto e prometi responder-lhe. Nas reuniões, tenho dito aos Pais que, se nos estimularem, conseguirão mais de todos nós, Educadores e Formadores do Colégio, do que se ficarem simplesmente cobrando de nós.

Uma coisa que me encantou foi sua conclusão, quando diz que a filosofia do trabalho de vocês no Pacs lhes impõe "o compromisso de partilhar nossa visão desta questão, ainda mais em se tratando de uma escola consciente e de qualidade como o CSV". São Vicente, nosso Patrono, não descobriu a caridade nem as boas vontades, mas viu que só a boa vontade não bastava e organizou a caridade. Como, sozinho, ele não poderia nada, pensou sempre em formar multiplicadores. Obrigado, Marcos, e continue ajudando-nos.

Pe. Lauro Palú, C. M.
(Rio, 25/05/2006)

a chama

Ano XXXIII – No 71
Outubro/2006

Revista patrocinada pela Associação
de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22241-090
Telefone: (21) 3235-2900 – e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú, João Afonso e Ricardo Pinho

Coordenação Editorial: 3 Na Pauta Comunicação Empresarial

Reportagens, Redação e Edição: Edna Araripe e Hierania Soares

Revisão: Pe. Lauro Palú

Projeto Gráfico e Edição Eletrônica: Squadra Com.Design

Colaboradores: Sheila Ribeiro da Silva (apoio); Equipe CSVP (textos); Antonio Moraes, Gilberto de Carvalho, Jéssica Moura, Patrícia Costa e Alunos coralistas, João Afonso Teixeira, Pe. Geraldo Mól e Pe. Lauro Palú (fotos e imagens)

DIRETORIA DA APM

Presidentes: João Afonso de Mattos Teixeira e Solange Pires de Amorim Teixeira

Vice-Presidentes: Ricardo Dias de Pinho e Denise A. S. Dias de Pinho

Relações Públicas: Arthur Eduardo P. Prohmann e Mariley de Fátima I. Prohmann

Secretários: Aloysio Vasconcelos Filho e Mônica Ribeiro G. Vasconcelos

Tesoureiros: Edevino Panizzi e Elizabeth Mary Taucei

Representantes dos Professores: Gerson Vellaco Junior e Cristina Cavalcante

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Edna Araripe (M.T. 15.540)

Editorial

Em 30 de março de 2005, tomou posse a atual Diretoria da APM. Os Pais confiaram em nossa chapa, no trabalho que desenvolveríamos, fomentando com muito amor a parceria Escola e Família.

Nesta época, as obrigações do dia-a-dia nos afastam dos Filhos. Às vezes achamos que colocá-los numa “boa escola” é o suficiente para sua criação e formação e muitas vezes esquecemos o quanto a nossa presença, convivência e parceria são fundamentais. Estar na APM é ter a oportunidade de participar da vida escolar dos Filhos de todas as Famílias, de modo mais intenso. Conhecer a Escola na sua intimidade é muito gratificante. Muito mais ainda é participar das atividades sócio-culturais e vivenciar os eventos organizados com carinho e amor para recebermos as comunidades carentes.

Participar das reuniões pedagógicas, com a Diretoria e as Coordenações, e na organização de eventos escolares e das festividades nos faz crescer como colaboradores permanentes. Nestes dois anos de gestão, com a convivência e o aprendizado com uma Diretoria unida e carismática e o apoio dos Professores, Funcionários e Colaboradores, continuamos a gestão anterior, integrando mais as Famílias e a Escola, numa participação mais efetiva entre a APM, os Pais, os Alunos, os Professores e Funcionários e, mais recentemente, o Curso de Educação de Jovens e Adultos.

Nesta edição da nossa Revista, agradecemos à Direção do CSVP, em especial aos Padres Lauro, Agnaldo e Paulo e à sua eficiente secretária Cristina, aos Coordenadores, Professores e Funcionários, à Coordenação Comunitária, Pastoral e Social (Compasso), à secretária da APM, ao Conselho Fiscal e às Jornalistas.

João Afonso de Matos Teixeira,
Presidente da APM

Sumário



CAPA
Formação de Professores
na Bahia 14

ESPECIAL
Campanha da Fraternidade 2

ENTREVISTA 5

CORAL E TEATRO 6

AÇÃO PEDAGÓGICA 8

ESPAÇO APM 12

GRÊMIO 13

ENS. FUNDAMENTAL E MÉDIO 17

ARTIGO 18

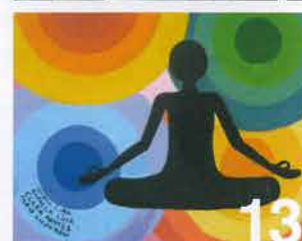
PAIS NA ESCOLA 19

COMO SE FAZ 20

AÇÃO PASTORAL 22

NOTAS 24

3º ANO 28



Colégio trabalha tema da Campanha da Fraternidade em várias atividades

“Fraternidade e pessoas com deficiência” é o tema da Campanha da Fraternidade de 2006, que tem como lema, “Levanta-te, vem para o meio” (Mc 3,3), tomado da passagem do evangelho de São Marcos, onde Jesus cura um homem de mão atrofiada, que estava na sinagoga.

O tema proposto pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para a Campanha deste ano possibilita a reflexão sobre a difícil realidade enfrentada pela maioria das pessoas com deficiência e conclama todos a agir de forma solidária e fraterna, trazendo, como fez Jesus, a pessoa com deficiência para o meio dos outros, para ocupar o seu espaço social com dignidade.

Feira da Qualidade de vida

O Colégio São Vicente de Paulo trabalhou este tema durante todo o ano em várias atividades. A Feira de Qua-

lidade de Vida, por exemplo, ampliou seu tema incluindo este ano a pessoa com deficiência. Um cartaz feito pelos Alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com frases sobre as deficiências – que é reproduzido na 4ª capa desta edição – recepcionava os visitantes da feira.

Além dos trabalhos dos Alunos, estiveram presentes várias entidades e profissionais que se dedicam a melhorar a Qualidade de Vida das pessoas que necessitam de cuidados especiais.

“Esse dia muito nos ensinou. Aprendemos que iniciativas e tecnologias simples podem modificar de maneira significativa a vida de muitas pessoas. Foi o que nos mostrou o Centro de Vida Independente (CVI) que, entre outras iniciativas, nos apresentou o software DOSVOX que possibilita aos deficientes visuais navegarem pela Internet”, resalta Maria Teresa Guedes, Coordenadora das Bibliotecas.

O Núcleo de Desenvolvimento In-

tegral (Nudi) mostrou trabalhos artísticos realizados por adolescentes e adultos portadores da Síndrome de Down. O Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), a Rede Social do Cosme Velho, a Fiocruz e a Comlurb também apresentaram seus projetos. A Professora de Biologia, Lygia de Aquino, do Colégio Pedro II, mostrou os materiais sobre o corpo humano que desenvolveu com criatividade e dedicação para trabalhar nas salas de aula.

Sucesso também fez o cão-guia trazido por Ethel Rosenfeld, que esteve sempre rodeado por crianças e adultos que queriam conhecer tudo sobre seu “trabalho” como guia de cegos.

Muitos projetos das turmas também tiveram como tema central a Deficiência. A oficina da 6ª Série permitiu que os visitantes vivenciassem as dificuldades enfrentadas pelos deficientes visuais e auditivos. Os Alunos de 3ª e 4ª Séries trataram do tema da inclusão da Cultura Africana através de uma

Pessoas com necessidades

A Campanha da Fraternidade deste ano de 2006 tem como tema as pessoas com deficiências. Preferimos, aqui no Colégio, falar de pessoas com necessidades, pois cada um de nós tem as suas limitações e precisa do apoio dos outros, para crescer, desenvolver-se, sentir-se realizado e feliz. Citei como exemplos não só uma Aluna que não ouve ou o Aluno que não enxerga bem, mas também o desatento, o conversador, o questionador, o líder da bagunça, o líder pura e simplesmente, o filho cujos pais se separaram e não o querem em casa, porque incomoda as crianças novas que já nasceram no segundo casamento, o

adolescente que já usou droga e começa a entrar nos bandos perigosos, o menino cujo pai é executivo e não tem tempo para vir discutir notas no Colégio, a criança insegura, o menino ciumento, o agitado, o agitador, o violentado, o assustado, o exibido, o precoce, o erotizado, o mentiroso, o colador, o ladrãozinho, o ladrão, o que se embriaga, o do celular, o do olhar desconfiado, o materialista, o supersticioso, o obsessivo, o compulsivo, o esbanjador, o dos cinco estojos de lápis comprados em cinco países, o menino que o pai compra com roupas e viagens, o menino que pede à mãe que pare de ler livros e escrever e converse com ele. Para cada um destes exemplos temos vários nomes, Alunos com

quem já conversamos e que estamos tentando acompanhar cada dia.

Isso não nos faz esquecer os sem roupa, os sem casa, os que dormem na rua, os analfabetos, os doentes, os desempregados, os que a sociedade discrimina porque têm limitações, dificuldades ou doenças. A Campanha da Fraternidade nos lembra que só podemos responder adequadamente a essas necessidades por obras sociais, de promoção e inclusão, e não por simples assistencialismo. E temos muito gosto em ver Professores e Funcionários indo nas férias ajudar a formar Professores no sertão baiano em duas missões da Província, entidade mantenedora do Colégio São Vicente.

Pe. Lauro Palú, C. M.



Alunos se informam sobre a atuação do Centro de Vida Independente



Atividade sobre deficiência visual na Feira da Qualidade de Vida

exposição onde era possível degustar comidas de origem africanas.

A 1ª e a 8ª Séries mostraram no projeto “Os Sentidos” que é possível trabalhar de maneira coletiva apesar da diferença de faixa etária. A 5ª Série ensinou, através do trabalho “Reciclando Hábitos”, que atitudes simples do dia-a-dia podem contribuir para a melhoria do meio ambiente. O uso da água de maneira consciente e a forma adequada de se tratar o lixo (como pilhas e baterias) foram alguns exemplos. Outros temas, como alimentação saudável e de baixo custo, foram tratados pelos Alunos da 7ª Série e do Ensino Médio.

Corpo, morada do sagrado

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio trabalhou o tema da Campanha da Fraternidade durante o primeiro semestre do ano. O projeto envolveu cada Professor e Aluno e emocionou a todos os que participaram em junho da festa de encerramento. O projeto se chama “Corpo, morada do Sagrado” e foi concebido após uma visita de um grupo de Professores da EJA à sala de ex-votos do santuário de Bom Jesus da Lapa.

Ex-votos são peças que imitam partes do corpo, fotos de pessoas e demais representações que personifiquem o doente ou a parte do cor-

po doente que foram alvo de uma promessa de cura.

“Era janeiro de 2006 e um grupo de professores da (EJA) estava participando do Projeto de Formação de Professores na Serra do Ramalho (BA). Esse grupo aproveitou para visitar Bom Jesus da Lapa, que fica a cerca de 70 Km de distância. Lá, se encantaram com a sala dos ex-votos, que expõe fotos ou partes do corpo em barro ou madeira”, lembra Hélcio Alvim, coordenador da EJA.

Ao voltar, esse grupo encaminhou para os demais Professores da EJA a proposta de desenvolver esse projeto, que tem por base a idéia de que nosso corpo é espaço do Sagrado. “Quando temos um problema, recorremos a Deus, pois no Brasil a saúde é tão precária que a saída, quase sempre, é a fé. Fé na expectativa de cura, de melhora. Aí, surge, então, a questão da promessa. Nessa busca, acabamos dando valor ao pedaço do corpo que está com problema”, explica Hélcio.

Para desenvolver o projeto, os Professores separaram o corpo humano em partes e cada parte foi trabalhada por uma turma da EJA: rosto, olhos, cabelo, nariz e assim por diante. O trabalho não envolveu só a dimensão física e trabalhou metaforicamente cada parte. O olho, por exemplo, tratou também do que hoje o Aluno vê e o que ele não via antes de entrar para

o Colégio; a boca – o que hoje fala e que não falava antes; etc. Cada parte do corpo tem seu valor, uma missão nobre, e isso foi retratado no projeto.

No lançamento, que ocorreu no fim do mês de fevereiro, todas as turmas criaram um boneco a partir de partes feitas separadamente por cada turma. Obviamente gerou-se um boneco monstruoso - depois apelidado de Juvenal -, que serviu para mostrar como fica o corpo humano sem a comunicação.

Hélcio conta que todo o semestre foi dedicado ao Projeto. Em maio, seis Professores foram a Aparecida com um grupo de 40 Alunos. A Basílica de Aparecida, assim como todos os grandes santuários, tem uma imensa sala de ex-votos – possui aproximadamente 200 metros quadrados. O material é permanentemente renovado. O teto é todo coberto com fotos 3 x 4.

Outro destaque do projeto foi o Decálogo com os 10 Mandamentos do Corpo, preparado pelo grupo de Ensino Religioso com os textos criados pelos Alunos. A partir dessas frases, o Professor Cláudio, de Português, fez um poema, que foi musicado pelo Professor Albino, de Ensino Religioso. No dia 28 de junho houve a culminância do Projeto, com o resultado do trabalho de cada turma. No fechamento do projeto, todas as turmas fizeram promessas para a construção de um mundo novo.



Um dos trabalhos do tema "Corpo, morada do Sagrado"

Alunos e Professores da EJA em Aparecida

Monografias da 8ª Série

Os temas sugeridos para o projeto de Monografia da 8ª Série foram levantados a partir do Tema da Campanha da Fraternidade: Esportes Para-Olímpicos; Estereótipos; Preconceitos Étnicos, Sociais e Políticos; A Arte e os portadores de necessidades especiais; A Escola e os portadores de necessidades especiais; O portador de necessidades especiais e o trabalho; Arquitetura, Construção Civil e Inclusão.

A partir desta variedade de temas, foi feito um levantamento dos títulos disponíveis na Biblioteca e na Internet. Alguns materiais foram adquiridos, outros foram trazidos pelos Professores e ficaram à disposição dos Alunos. Para que o resultado do trabalho possa ser compartilhado por todos, foi montado um "banco de textos" trazidos pelos Alunos e Professores.

Este projeto é um bom exemplo da parceria que vem sendo desenvolvida entre a Biblioteca e os Professores, que possibilita uma ajuda mais significativa aos Alunos em seus projetos de pesquisa e, ao mesmo tempo, ajuda a organizar e enriquecer o acervo da Biblioteca do Colégio.

Colaboraram: MariaTeresa Guedes,
coordenadora das Bibliotecas,
e Hécio Alvim,
coordenador da EJA.

Decálogo do Corpo

Fica decretado a partir de hoje que:

Artigo I

Os lábios proclamarão aos quatro cantos do Universo as belezas criadas, o início do novo tempo, o amor implantado e a paz almejada.

Parágrafo Único: O amor, a paz, a justiça serão as bandeiras da vitória da liberdade do novo ser.

Artigo II

Os olhos verão toda a criação e os homens, como irmãos, fartando-se de felicidade pelo respeito à dignidade e igualdade conquistadas.

Artigo III

Os ouvidos escutarão os sons dos pássaros, o barulho dos rios, cachoeiras e uma boa música. Não deixarão de ouvir a frase mais bonita: "EU TE AMO".

Artigo IV

O nariz sentirá o cheiro das flores, da brisa do mar, da terra molhada: o cheiro da vida correndo em cada obra da criação.

Parágrafo Único: O perfume mais agradável é a liberdade.

Artigo V

Os cabelos brilharão como o sol para mostrar a beleza e o astral da vida.

Artigo VI

A cabeça imaginará coisas boas, idéias

positivas como desejar o bem, o mundo sem guerra, concretizando o amor. O rosto terá as marcas de uma vida bem vivida.

Artigo VII

As mãos serão estendidas para acolher o outro, no abraço, na bênção e no carinho. Lavrarão a terra com alegria e dela colherão frutos e os repartirão com justiça. Sempre erguidas, darão graças a Deus pela vida.

Artigo VIII

Os pés caminharão ao encontro do próximo, concretizando a felicidade, e dançarão alegremente a música da paz. Parágrafo Único: Os verdadeiros pés são aqueles que ajudam os outros a ficarem de pé.

Artigo IX

As pernas sustentarão o ser humano e ousarão conduzir os pés no caminho do bem.

Artigo X

Todos os órgãos viverão em harmonia promovendo o bem-estar do homem. O coração será o motor do sagrado. Parágrafo Único: A vida será vivida em sua plenitude: "Vede como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos" (Cf. Salmo 133,1).

Uma missão além da fronteira

Pe. Manoel Bonfim nasceu em São Felipe, no Recôncavo Baiano, há 39 anos. Foi ordenado padre no ano 2000 e já recebeu importantes missões desde então. A principal delas aconteceu em maio de 2002, quando partiu para Moçambique, na África, para trabalhar na formação de seminaristas. Moçambique foi o local escolhido pela Congregação Vicentina para receber, durante 20 anos, os padres brasileiros que terão um importante papel missionário na vida da comunidade. Antes da experiência africana, Pe. Bonfim passou 11 meses na Serra do Ramalho, no sertão da Bahia, ajudando muitas famílias na construção de cisternas para captação da água das chuvas e de hortas comunitárias.

Retornando ao Brasil, Pe. Bonfim foi convidado a integrar a equipe do Colégio São Vicente de Paulo para fazer o acompanhamento da catequese (Batismo, Crisma e Comunhão) e dos projetos sociais apoiados pelo CSVP.

a chama - *Como o senhor se sentiu quando foi designado para uma Missão em Moçambique?*

Padre Bonfim - Quando meu superior (Pe. Eli Chaves) com seu Conselho Provincial designou-me à Missão além fronteiras (Moçambique), pensei nas palavras de nosso saudoso D. Hélder Câmara: "...Missão é partir, mas não devorar quilômetros. É, sobretudo, abrir-se aos outros como irmãos, descobri-los e encontrá-los. E, se para encontrá-los e amá-los for preciso atravessar os mares, então missão é partir até os confins do mundo".

a chama - *Antes da experiência na África, o senhor trabalhou durante 11 meses junto à comunidade de Serra do Ramalho, no sertão da Bahia. Como foi deixar para trás aquelas pessoas, sua família?*

Padre Bonfim - Senti um aperto no coração, pelo fato de deixar para trás familiares (meu pai com 81 anos e que veio a falecer quando eu estava em Moçambique), amigos, coirmãos queridos e também a missão no sertão baiano (Serra do Ramalho), na qual trabalhava até então. Lá ajudei a formar uma rede na comunidade, organizando as comunidades na construção de hortas e de cisternas.

a chama - *Qual foi o projeto mais importante realizado pelo senhor em Serra do Ramalho?*

Padre Bonfim - A construção de hortas comunitárias e das cisternas foi, sem dúvida, um dos projetos mais importantes de que participei. Para a construção das cisternas foram feitos estudos sobre o lençol freático, a escassez de água e o consumo da água da chuva. As cisternas construídas pela comunidade possuem cerca de 3m de profundidade (acumulam 18 mil litros de água da chuva) e podem alimentar uma família de 10 pessoas durante o período de estiagem no sertão (8 meses). É muito bom ver como isto trouxe mudanças na vida dos sertanejos: deixaram de beber água suja e hoje podem trabalhar mais tempo na roça sem perder tempo em ir buscar água em locais distantes.

a chama - *Depois de três anos em Moçambique, trabalhando na formação de sacerdotes, quais lembranças mais marcantes trouxe de lá?*

Padre Bonfim - Convivendo com o povo Machangana, cedo aprendi que: A KU FAMBA A KU NA VEMBA - "A viagem não tem prazo" ou "ninguém diga volto já". Cumpridos os três anos de presença missionária, trabalhando na formação dos nossos seminaristas, em vista de formar os futuros missionários



Pe. Bonfim com a bebê Ana Clara, da comunidade Chico Mendes

vicentinos nativos, chegou a hora de voltar de férias, como dizem por lá: LAHA KU NGA VUYELIWKI HI LE NDZENI - "Onde não se volta é ao ventre da mãe" ou "o bom filho à casa retorna". Voltei ao Brasil, à minha Província da Congregação da Missão, aos meus familiares e amigos trazendo na mente e no coração duas imagens: uma triste dor da fome, dos sofrimentos causados pelas doenças e mortes; outra bela, das paisagens, da cultura, da religião e do acolhimento. Trouxe também no coração o desejo de partir em missão novamente, só não sei quando. E uma prece: HOSI KATEKISA AFRIKA - "Deus abençoe a África".

a chama - *Qual sua missão no Colégio São Vicente de Paulo? O que espera deste trabalho junto aos Alunos?*

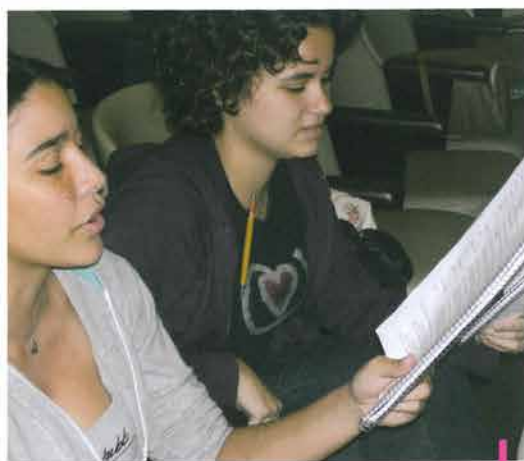
Padre Bonfim - Este ano estou colocado aqui no CSVP com a função de acompanhar a catequese infanto-juvenil e os projetos sociais. Pouco a pouco vou entrando neste universo educacional e, dentro daquilo que me compete, procuro dar minha modesta contribuição. Rogo ao Senhor que os nossos Alunos, uma vez bem preparados que são, possam dar sua contribuição na transformação de nossa sociedade, a fim de que haja melhor qualidade de vida e um mundo melhor para todos.

Trabalho em parceria na Ópera do Malandro

A idéia de um trabalho conjunto entre o Coral e o Teatro do CSVP surgiu no final do ano passado quando Patrícia Costa, coordenadora dos corais do Colégio, procurou Mário Sérgio Medeiros, diretor do grupo de teatro, identificando uma mistura de linguagens nos trabalhos desenvolvidos durante o ano. Percebeu-se que o Coral está cada vez mais teatral e o teatro cada vez mais musical.

Por isso, para este ano, o Grupo de Teatro Lambanunmai, do Ensino Médio, e o Coral Amigos do São Vicente A Cappella estão montando em parceria o musical “Ópera do Malandro”, de Chico Buarque de Hollanda. Como esta é a primeira vez que o Teatro e o Coral participam de um mesmo projeto, só podemos esperar um bom trabalho devido à qualidade já apresentada pelos dois grupos em anos anteriores. Que venham, então, muitos outros projetos que resultem em outras discussões estéticas das diferentes formas de arte.

**Luiza Lewkowicz (2^a B),
Breno Góes (1^a B) e
Ana Rios (2^a C)**



**Clarissa Mattos (3^o C) e Luiza Campos (2^o B)
durante ensaio**



Coral São Vicente A Cappella

Uma jornada em terras gaúchas

Vamos viajar e passar uma semana em turnê cantando. Pra quem adora cantar, isso é um sonho! Somos aproximadamente 70 coralistas entre 12 e 26 anos, mais Patrícia Costa (regente), Malu Cooper (preparadora vocal), Tiago Madruga (professor de Biologia e cantor nas horas vagas), Danilo Frederico (tecladista do coro), Leandro Vasquez (baixista) e Reinaldo Pestana (percussionista).

Sempre que possível a nossa regente viaja com um dos corais da Escola. Este ano ela juntou todos os corais juvenis do CSVP nesta empreitada: o São Vicente A Cappella, o Coral do Ensino Médio, as Meninas Cantoras e o Preparatório Masculino.

Para esta viagem, fizemos duas concentrações na própria escola, o “acampadentro”, que nos permitiu fazer novas amizades e conhecer outras pessoas dos diferentes corais. Nossa viagem está programada para o domingo, dia 8 de outubro. Pararemos em São Paulo para dormir e faremos uma apresentação na segunda-feira, dia 9. À noite continuaremos descendo e pararemos em Erechim, depois iremos para São Leopoldo, Nova Petrópolis e Bom Princípio.

O convite para nossa jornada rumo às terras gaúchas se deu no ano passado, quando meninas cantoras dessas cidades vieram ao Rio e cantaram conosco na Escola. Aceitamos o convite e nos hospedaremos nas casas dos coralistas, o que é uma prática comum nessas cidades pequenas. Os custos da viagem estão sendo por nossa conta. Para baratear, fizemos bijuterias, biscoitos, bolos, velas, sabonetes e vendemos dentro da Escola (na Feira da Qualidade de Vida e na Festa Julina) e fora dela. Também tivemos o apoio do grupo vocal Cantaventos, formado em sua maioria por cantores que participam do nosso coral, que doou o dinheiro da bilheteria de seu ótimo show de estréia para a nossa viagem.

E assim vamos nós, tornando nosso sonho realidade. Até a volta!

Luiza Campos, da 2^a B e coralista do São Vicente Ensino Médio

Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil...

Eis que numa manhã de segunda-feira, 30 componentes dos vários coros da regente Patrícia Costa se encontram em frente ao bondinho do Corcovado, na Rua Cosme Velho, para ir gravar uma participação na novela Páginas da Vida, da TV Globo. Caramba! Nós que estamos acostumados a sempre nos apresentar no pequeno, mas aconchegante, auditório do Colégio (para nossos amigos, pais e professores), de repente vamos aparecer na telinha de um bocado de gente Brasil afora. O que poderia ser fonte de nervosismo e tensão, especialmente devido à idade de alguns de nós, foi apenas fonte de motivação... e um pouco de “friozinho na barriga”. Entre nós, havia gente que estava deixando de ir à aula, perdendo precioso tempo de estudo (ai, o terceiro ano!!!), ou mesmo perdendo não menos queridas horas de sono. Mas aquela nossa expectativa e aquele nosso sorriso valem o esforço.

Chegada a hora, um sujeito muito simpático nos encaminhou às vans que nos levariam até o topo do Corcovado. Fizemos uma escala no meio do caminho para vestir as batas, nos maquiar e pentear, e fazer um lanchinho. Feito tudo isso subimos mais uma vez nas vans e dessa vez fomos até o pé da estátua que zela por nós, cariocas, de braços abertos. Agora sim, haja determinação para enfrentar nossa ansiedade e aquela parafernália toda da Globo. Ainda teve um engraçadinho que disse

que o Thiago Lacerda vinha pra gravar... Não tinha uma menina que não começasse a falar rápido e agudinho, enquanto os meninos, meio enciumados, fingiam ensaiar as músicas.

Nos dirigimos à escadaria de onde cantaríamos, ou melhor, fingiríamos cantar as músicas do primeiro capítulo da novela. Conhecemos a Roberta, menina com Síndrome de Down, que cantaria conosco. Quando estávamos todos a postos, os 31 do coral, mais uns 20 da orquestra, a equipe de direção e os figurantes, o regente Edu Morelembaum nos deu a entrada da música e... “Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil... Cidade Maravilhosa...”. A gente deve ter cantado essa música umas 20 vezes, e então passamos para “Valsa de Uma Cidade”. Foi bastante cansativo, mas com a ajuda da equipe de produção – que sempre vinha pentear o que o vento despenteava e trazia água sempre que requisitada –, ficou mais fácil. E, quanto à expressão de cansaço, com a gaiata da Patrícia dançando atrás do Edu, não tinha como não sorrir.

Pena que o dia estava nublado e não dava pra ver a nossa cidade lá de cima, mas cantar “Rio de Janeiro, gosto de você...” e nesse mesmo instante ver a nuvem sair e avistar a Baía de Guanabara... só estando lá mesmo.

Quando terminamos de gravar o que o diretor queria, cenas fechadas da orquestra e do coro, fizemos uma prece para São Pedro dar uma forcinha. As nu-

vens não queriam sair de lá... e, eu entendo, elas tinham toda a razão. Descemos para almoçar, desvestir o manto, tirar a maquiagem, e voltamos lá pelas cinco da tarde para o Colégio. Nossa missão ainda não estava concluída, tínhamos que gravar mais um dia para fazer as cenas que mostrassem a cidade...

Quase um mês depois, lá estava outra vez o nosso grupo. Éramos então 26 e contávamos com algumas substituições. A essa altura já éramos craques (!?!). O que é friozinho na barriga??? Subimos de novo o morro, fizemos as mesmas paradas até chegar à estátua. Já estávamos prontos pra cantar quando, dessa vez, de verdade, o Thiago Lacerda apareceu... Lá se foram uns dez minutos para acalmar o grupo. Como sempre, algum senso de responsabilidade e principalmente o nosso companheirismo resolveram as questões que surgiam (“Th, sujei a bata”, “é que letra mesmo?”, “Tô nervoso...”).

Quem ficou com ciúmes agora foi o coro todo, afinal, dessa vez, as estrelas eram os atores profissionais. Mas voltamos orgulhosíssimos. Não era para menos, choveram elogios por parte da produção, da Patrícia, mas, principalmente, sabíamos que tínhamos feito um bom trabalho. E o melhor, além de tudo isso, ainda ajudamos a custear nossos projetos deste ano.

Pedro Vicente Bittencourt, ex-Aluno



Coralistas do CSVP na gravação para a novela da Rede Globo

Instrumento reflete a imagem de Cristo e do Coral



Sua boa ação de hoje

A violência e a ditadura

A Sílvia me escreveu oferecendo este artigo. Quem me dera que todo e-mail que eu recebo fosse deste tipo, uma colaboração ajuizada e voluntária, uma ajuda para crescermos, um estímulo!

Insistimos, há anos, em criar entre nós e as Famílias um processo constante de parceria, porque o Colégio e os Pais só têm a ganhar se colaborarmos na mesma direção, em vez de gastar energias em oposições, resistências, amarguras, censuras, cobranças, decepções e xingamentos.

E de repente me chega esta Mãe raciocinando com sua Menina coisas tão gostosas de dizer e de ouvir. Comoveu-me o tom de esperança: “Tem jeito, sim, minha filha! Muda, minha filha!”

Há dois elementos que me tocam, neste artigo/nesta carta: A Mãe é ex-Aluna do Colégio e sentiu, na diversidade dos momentos, a continuidade do mesmo esforço de conhecer e transformar a realidade. Além disso, ou justamente por isso, dispôs-se a fazer sua parte, conversando com a Menina, assumindo o trabalho dos Professores, ampliando-o, tornando-o ainda mais íntimo e mais gostoso de aceitar e concretizar.

Quando os Responsáveis nos trazem seus Filhos e Filhas, costumo agradecer-lhes sua confiança e sua coragem. Agradeço a coragem, não porque sejamos loucos e não saibamos o que fazemos. Mas de fato é preciso coragem para tentar nadar contra a corrente, para fazer uma educação que nos instrumente para resistir às formas de manipulação que estão aí, veladas ou escancaradas, para pensarmos com nossa cabeça, amarmos com nosso coração e reagirmos com nosso ser todo inteiro. À Sílvia já escrevi (e vocês concordarão comigo): continue!

Pe. Lauro Palú, C. M.

D ia destes, minha filha - que estuda na 6ª Série - voltou do colégio e disse:

- Mãe, às vezes fico cansada porque os professores falam toda hora em violência. Parece que vivemos numa guerra.

Lembrei-me que há trinta e um anos, um dia também voltei do São Vicente e disse para minha mãe:

- Meus professores só falam em ditadura. Será que só existe este assunto?

Na dificuldade de todos os pais e mães de explicar que os professores não exageram e que a realidade é dura sim, mas que existem muitas outras coisas, claro, eu faço a conexão entre a ditadura e hoje em dia. Não sou a única. Está nos jornais, nas conversas, no esplêndido artigo do deputado Fernando Gabeira (www.gabeira.com.br), nos debates das universidades. Já minha mãe relacionou a ditadura aos tempos que ela achou que nunca iriam mudar: os anos Vargas, - e ao nazismo, sobre o qual nem tinha tantas notícias assim, mas as sabia ruins.

É um desafio tentarmos explicar uma realidade que estamos vivendo

no aqui e agora sem parecermos alarmados demais ou desesperançosos - e escrevo este artigo para me solidarizar com todos os pais e mães que têm o mesmo problema. E para que pensemos juntos sobre o assunto. Primeiro valeria que os nossos jovens soubessem o que são os jornais e os noticiários, que interesses eles têm. Porque, como dizia Rubem Braga, “os jornais noticiam tudo, menos uma coisa tão banal e tão boa de que ninguém se lembra, a vida”.

Depois talvez fosse bom esclarecer que todo mundo cresceu com alguma ameaça de fim, algum clima de guerra. E que, por isto, a vida é uma luta constante. Os antigos deveriam achar que o mundo iria lhes cair sobre a cabeça. As crianças da Chicago dos anos 20, que só existia tiroteio, drogas e corrupção. Os filhos da guerra fria que, se o presidente capitalista ou o comunista apertassem o botão vermelho, a bomba nuclear seria lançada e o mundo acabaria. Alguém se lembra quantos anos falamos em inflação e arrocho? Os professores de história sabem bem fazer estas comparações. Mas aqui o importante é dizer que, em todas as épocas e todos os lugares, quando um só assunto domina as conversas, no fundo, parece que estamos dizendo: “isto não vai mudar, isto vai sempre continuar assim”. E muda.

Muda, filha, muda sim.

Porque, voltando ao Brasil e às diferenças da minha geração para a sua, na ditadura tínhamos a sensação de que o país não era nosso. A gente não podia participar de nada. Ninguém tinha liberdade de escrever ou protestar como hoje. Ninguém era ouvido. E pouca gente sabia o que realmente estava acontecendo.

É claro, na ditadura como hoje em dia, desrespeitava-se a democracia. No meu tempo ela nem existia; hoje está verde como um coco, cheia de rombos, um horror. Mas existe.

E nesta sua época, mais do que

você tanto gosta. Dê um tempo. E substitua esta sensação de medo, impotência e irreabilidade (“será que tem tanta gente assim morrendo por causa da violência?”) por um sentimento de capacidade. Mesmo ten-

“

O que nós fizemos hoje para mudar os problemas da nossa classe, da nossa casa, do nosso país?

”

nunca, é pela maneira com que cada um de nós age que ela vai se solidificando. Você ainda não vota, mas sabia que tem gente que vota em qualquer um? Ou vota e nem cobra que quem foi eleito faça o que prometeu? Que tem gente que acha que votando nulo não está tomando uma atitude também política? Que há quem não pague os empregados como a lei manda? Que tenta passar uma “conversa no guarda” quando ele vem cumprir a lei? Eu mesma já erreí muito. E não estou dizendo que não vá errar de novo.

Mas talvez o principal problema do brasileiro seja que ele não se sente responsável. Ele despreza a placa de trânsito e depois quer que o governo dê um jeito na violência do trânsito. Como disse o escritor João Ubaldo Ribeiro outro dia nos jornais, o brasileiro ainda não se sente “matéria-prima” do Brasil. Ele ainda não percebeu que mudar o Presidente não adianta se ele próprio não muda.

E é por isto que eu às vezes te sugiro: pare de ler os jornais de que

do tão pouca idade, hoje você pode fazer alguma coisa para melhorar o mundo em que você vive. Eu também, a sua avó, todo mundo.

Noutro dia uma amiga que mora em Colônia, na Alemanha, me contou que na escola dos filhos dela, todos os dias, ao final da jornada, os professores perguntam aos alunos: “O que nós fizemos hoje para mudar os problemas da nossa classe, da nossa casa e do nosso País?” (sim, a Alemanha também tem problemas, inclusive de violência, apesar de ser rica). E talvez seja esta uma pergunta que os professores possam fazer logo depois de falar sobre violência: “O que nós fizemos hoje para mudar este quadro?”. Pode ter sido um pequeno gesto, não implicar com o amigo, por exemplo. Eu mesma hoje vou procurar ser mais paciente com os colegas de trabalho. E assim a gente faz um dia bem bacana, daqueles que os jornais não noticiam. Combinado?

Maria Sílvia Camargo,
ex-Aluna e Mãe de Aluna da 6ª Série

Alunos do São Vicente simulam debates da ONU

Em julho de 2006, a Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro sediou a terceira versão do Modelo Intercolegial de Relações Internacionais (MIRIN III) e, pelo terceiro ano consecutivo, o Colégio se fez representar por um grupo de Alunos da terceira série do Ensino Médio. Cabe destacar que as Alunas Gabriela Cavalcanti Romero (3º C) e Júlia Cabo (3º C) ganharam o prêmio de melhor delegação em seu comitê e a Aluna Clara Schreiber Maia (3º B) recebeu menção honrosa.

O evento é organizado pelos Alunos da Graduação do Curso de Relações Internacionais, com o apoio da Universidade e de sua equipe docente, e tem como objetivo “incutir nos jovens os valores do multilateralismo e da resolução pacífica de controvérsias internacionais”, despertando assim a “consciência política através do verdadeiro exercício de cidadania”. Além disso, possibilita a pesquisa, o desenvolvimento do domínio da língua escrita e da capacidade de oratória e a convivência com pessoas de espaços culturais diversos.

Os Alunos participantes compõem delegações que representam os diversos países integrantes dos organismos internacionais e participam dos debates sobre temas específicos de cada comitê defendendo a posição diplomática de “seu” país. Os debates são desenvolvi-

dos de acordo com as regras internacionais e, ao final, espera-se que cada comitê produza uma resolução, aprovada democraticamente pelos seus membros.

Nesta versão, a simulação contemplou as seguintes organizações do Sistema ONU:

- Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), que discutiu o tema “Terrorismo Nuclear”;
- Conselho de Segurança Histórico (CSH), que discutiu a crise húngara de 1956;
- Comitê Econômico e Social (ECOSOC), que discutiu “Estratégias de Cooperação entre Países em Desenvolvimento”, com ênfase nos planos de combate à AID/S;
- Organização Mundial de Saúde (OMS), cujo tema foi “Prevenção de Doenças em Áreas de Conflito”;
- Comitê de Políticas Especiais e Descolonização (SPECPOL), que discutiu “Operação de Peacekeeping em Darfur (Sudão)”;
- United Nations Security Council (SC), que buscou soluções para “The Nuclear Program of The Islamic Republic of Iran” (neste comitê os debates são em inglês).

A simulação incluiu, ainda, o Conselho Europeu (CE), cujo tema era “Negociações sobre a Carta Constitucional Européia”.

Os alunos do São Vicente compuseram as delegações do Haiti, do México e de Portugal e participaram dos debates em cinco comitês de acordo com a representatividade dos países definida pela situação atual desses organismos, conforme explicita o quadro abaixo.

Professora Jéssica Moura

	AIEA	ECOSOC	OMS	SPECPOL	CE
Delegação do Haiti	—	Eduardo Tati Nóbrega (3ºB)	Clara Schreiber Maia (3ºB)	Guilherme G. Vasconcelos (3ºB)	—
Delegação do México	João Gabriel Rabello Sodré (3ºB)	Pedro P. de Mendonça Guadagnini Vogt (3ºB)	Marina Baird Dafflon Ferreira (3ºC)	Clarissa Mattos Farias (3ºC)	—
Delegação de Portugal	Zaira Costa Chaves (3ºA)	—	Livia Cathiard Giorgi (3ºA)	Mariana Costa de Mattos (3ºA)	Gabriela Cavalcanti Romero (3ºC) e Júlia Cabo (3ºC)



Professora Jéssica cercada pelos Alunos do CSVP e ex-Alunos que hoje integram o Instituto de Relações Internacionais da PUC

Momento de comemoração durante as simulações



Programa revela jovens pesquisadores

O Programa de Vocação Científica (PROVOC) é uma iniciativa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio no campo de Educação para a Ciência. Idealizado há 20 anos por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o programa tem como objetivo possibilitar aos Alunos do Ensino Médio a vivência dos ambientes de pesquisa e o cotidiano do trabalho de pesquisadores, proporcionando-lhes, desta forma, a experiência de aprender Ciência fazendo Ciência. O Colégio São Vicente de Paulo tem o privilégio de ser uma das Escolas conveniadas com a Fiocruz.

O programa está dividido em duas etapas: a Etapa de Iniciação, quando os Alunos são convidados a participar de diferentes atividades (coleta e organização de materiais, pesquisa bibliográfica, operação de alguns equipamentos e técnicas básicas), familiarizando-se com a dinâmica da pesquisa científica; e a Etapa do Avançado, com duração de 18 meses - opcional para Alunos que concluíram a etapa anterior - e que envolve a elaboração de um plano de trabalho, no qual questões identificadas na primeira etapa são aprofundadas e discutidas.

As atividades da Etapa de Iniciação começam em agosto, encerrando-se em junho do ano seguinte. O cumprimento de uma carga horária mínima de 3 horas semanais é indispensável para a obtenção do certificado de participação no PROVOC. A conclusão da Etapa de Iniciação do Programa compreende a apresentação de um Relatório Final que sistematize as atividades e as experiências individuais vivenciadas durante o período do estágio; e a apresentação de um trabalho de conclusão na Jornada de Vocação Científica, organizada pela Coordenação do PROVOC, realizada no final do estágio.

Acompanho a participação de nossos Alunos no programa há 18 anos. É impressionante ver o quanto aprendem, não

só intelectualmente, mas também como se tornam mais competentes para cuidar de si e dos outros. Mesmo preocupadas em estudar para a prova de Literatura e em plena Copa do Mundo, nossas Alunas estavam lá, orgulhosas, felizes, recebendo seu certificado de conclusão.

Parabéns, Bruna Cataldi de Assis Ferreira, Carolina Valladares Guimarães Taboada, Elisa Barroso de Aguiar, Julia Couto Franco e Mariana Barbosa Ramos! Elisa e Carolina seguem com o Avançado. Meninas, continuem com garra. Muito sucesso!

Patrícia Mendes Rubim, Psicóloga e Coordenadora do PROVOC no CSVP



Carolina Taboada e Elisa Barroso

O PROVOC e um novo Eu

O Programa de Vocação Científica, em seu processo de seleção, é visto de forma ambígua: exerce fascinação – por ser uma proposta que aparentemente está muito acima de nós – e medo, mais ou menos pelo mesmo motivo.

Depois que conseguimos entrar, veio o choque. Era um trabalho de verdade. Como faríamos um trabalho de verdade? Não sabíamos... Mas o tempo foi nos mostrando que estávamos, sim, à altura do desafio que nos era proposto se nos dedicássemos e nos dispuséssemos a abrir mão de algumas outras coisas. Foi exatamente o que fizemos e não nos arrependemos.

Quando falamos aos nossos amigos, em geral pessoas da nossa idade, que passamos duas tardes por semana na Fiocruz e o número de noites que perdemos trabalhando nos nossos projetos, riem de nós achando que somos loucos. Acham que perdemos muito, apesar de sempre deixarem transparecer um pingão de admiração. Não perdemos nada, pelo contrário. E não conseguem entender o que nos leva a tal “sacrifício”. Não é sacrifício. É um orgulho enorme sentirmos que fazemos parte de algo maior, de um objetivo comum que não apenas um DEZ. Mas as nossas exigências se elevam a um plano mais alto: nós nos cobramos muito mais. E fazemos isso porque o PROVOC nos fez acreditar que somos capazes de feitos muito maiores do que sempre pensamos; nos fez acreditar que somos capazes de muito mais do que nos é exigido.

Convivendo com pesquisadores, acompanhando a sua rotina e fazendo os nossos próprios trabalhos, vimos que mesmo tudo aquilo que a Escola nos pede, que sempre pareceu muito, é muito pouco frente ao de que somos capazes. Todos nós, dentro ou fora do projeto, somos assim. Só falta, para a maioria, uma oportunidade para enxergar isso. Nós recebemos esta oportunidade que foi e está sendo uma experiência única e inesquecível!

Elisa Barroso, 2º C

EJA também ganha festa

A Associação de Pais e Mestres (APM), imbuída do espírito de integração da Família Vicentina, organiza, quadrimestralmente, um churrasco em homenagem aos Professores e Funcionários do Colégio que aniversariam naquele período. A festa é precedida de uma Santa Missa realizada na Capela da Casa Central, oportunidade em que damos graças pela vida e voltamos nossos pensamentos a Deus.

Em agosto, pela primeira vez e de forma muito especial, os homenageados foram os Alunos, Monitores e Professores do curso noturno de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que curtiram primeiramente o encontro futebolístico organizado por eles próprios para, em seguida, se deliciarem com o churrasco. Estes eventos têm sido abrilhantados por boa música e eventualmente pela presença de Alunos e ex-Alunos músicos - flautistas, percussionistas e violonistas - que animam e alegam a festa, estreitando os laços de amizade, motivo maior de nossos encontros.

Mariley e Arthur Prohmann, Relações Públicas da APM



João Afonso Teixeira, Presidente da APM, e Monitores no churrasco da EJA

A importância de participar do Conselho Pedagógico

Durante todo o ano letivo, sempre às quintas-feiras, o Conselho Pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo se reúne para refletir, debater e comentar os rumos do processo educacional do Colégio.

Em sistema de rodízio, um representante da Diretoria da Associação de Pais e Mestres participa destas reuniões. É uma grande oportunidade para a APM, visto que cada reunião é um espaço de reflexão importante sobre os vários aspectos do CSVP e de sua comunidade. Trata-se de um fórum rico e fecundo em idéias, posicionamentos e decisões, calcadas nos objetivos e nas motivações do Colégio e numa real parceria entre Família e Escola.

Participando das reuniões ou lendo suas resenhas, tomamos ciência do empenho e do desejo de transparência e envolvimento de todos no Colégio. Trata-se de um espaço democrático e de união de todos, pois, além dos coordenadores educacionais, também têm lugar à mesa Professores, Funcionários, APM, Diretoria do CSVP e Diretoria do Grêmio do Ensino Médio, portadores da voz dos Alunos. São ouvidas as percepções de todos os participantes.

As reuniões são iniciadas pelo Diretor, Pe. Lauro Palú, que costuma trazer uma reflexão provocadora, a partir da qual as discussões buscam encontrar as mais adequadas soluções e encaminhamentos. É um momento de comunhão, onde as dificuldades, as conquistas, as festas e os acontecimentos, as atividades e projetos desenvolvidos são avaliados, com visão crítica e construtiva.

A busca de uma educação plena para a transformação social é a melhor tradução para o trabalho do Conselho Pedagógico.

**Mônica Ribeiro Guimarães Vasconcelos, Secretária da APM,
e Edevino Panizzi, Tesoureiro da APM**

Como a APM atua no CSVP

A APM tem como finalidade apoiar o CSVP em suas atividades sociais, culturais e pedagógicas e fortalecer a integração Família x Escola. Atividades em que a Associação está presente: reuniões mensais da Diretoria da APM com membros do Conselho Fiscal e Diretoria do CSVP; presença de um Diretor da APM nas reuniões semanais do Conselho Pedagógico do Colégio; reuniões de Pais de todas as séries no início do ano letivo; Feiras da Qualidade de Vida e das Linguagens; Festa Junina de todos os segmentos; festa de Natal dos Professores e Funcionários; aniversário do CSVP e festa quadrimestral de aniversariantes Funcionários e Professores.

Nosso principal objetivo é atender, da melhor forma possível, os interesses da comunidade Vicentina.

Um olhar na Saúde e outro na Higiene

Na Feira da Qualidade de Vida promovida pelo CSVP em junho, a APM focou o seu trabalho nas "Doenças Respiratórias". Este tema foi escolhido em virtude do avanço da Gripe Aviária que vem se espalhando pelo mundo. A sociedade está assombrada pelo fato de não conhecermos todas as formas de contágio, seu poder letal, nenhum medicamento eficaz para reverter o quadro em caso de epidemia.

A Empresa AMSupply, fornecedora de produtos de higienização, foi convidada para apresentar, através de seus Consultores Mara Lúcia Alonso Moreira e Maurino Xavier Ferreira, vídeos educativos e explicações sobre higiene, como a forma correta de lavar as mãos e de manipular alimentos. Foram sorteados alguns kits de higiene para as mãos.

Quatro passos básicos para prevenir a disseminação de doenças respiratórias:

1. Lave as mãos frequentemente – ensaboe por pelo menos 20 segundos;
2. Desinfete frequentemente as superfícies de uso comum, como mesa, telefone, teclado, mouse etc;
3. Ao tossir ou espirrar, cubra a boca ou o nariz com lenço, se possível descartável;
4. Sempre procure orientação médica. Não se automedique.

Nossa mensagem é: "Zelar mais pela saúde, cuidando melhor da Higiene".

**Ricardo Dias de Pinho,
Vice-Presidente da APM**

Além do assistencialismo

Nenhum de nós era capaz de imaginar o trabalho que teríamos ao assumir o Grêmio estudantil. Na plataforma da Chapa Fênix – que simboliza o renascimento, pois pretendemos modificar e fazer nascer um novo Grêmio – defendemos que os projetos sociais do nosso Colégio fossem além da assistência a pessoas carentes e se transformassem em construção de um futuro.

E este é o nosso desafio: mostrar aos Alunos do CSVP que assistir é pouco, muito pouco, tanto no sentido de dar assistência quanto no sentido de apreciar ou enxergar. O puro e simples assistencialismo não corresponde aos nossos ideais. Queremos que os beneficiados recebam as doações de pessoas bem intencionadas e que os Alunos não ajudem para concorrer a um prêmio ou para sua turma vencer a Festa Julina e fazer um grande churrasco.

Sabemos que a missão é complicada: temos que mudar este pensamento, pensamento de jovens de classe média alta. Um episódio que demonstrou a necessidade da mudança na forma de ajudar e na atitude do jovem diante da miséria aconteceu nos bastidores da Festa Julina. Uma parte da gincana deste evento, a Gincana Solidária, se baseia na arrecadação de alimentos e roupas, aos quais são atribuídos pontos. O vencedor ganha 10% do valor arrecadado na festa. Uma das turmas, de olho no relógio, torcia ansiosa para

o atraso da “rival”, de modo que esta não recebesse os pontos destinados à entrega dos alimentos. Por dois minutos, a turma chegou, evitando assim discussões e gritarias ainda maiores. Neste dia, percebemos que precisamos entender e discutir essa questão, mas provavelmente nos poucos meses de nosso mandato não será possível, o que não faz esmorecer nossa vontade.

Bolão da Copa

O Bolão da Copa do Mundo que prometemos em nossa plataforma foi transformado num ato social, tendo sido 1 kg de alimento o preço para a inscrição, pois as pessoas que necessitam de nossa ajuda não poderiam simplesmente ser abandonadas. Caso não fizéssemos o Bolão, perderíamos uma boa oportunidade de ajudá-los e não cumpriríamos com a nossa palavra. A situação de miséria daqueles que recebem nossa ajuda não é culpa exclusiva dos próprios, muito pelo contrário. O que não faltam são fatores que os deixaram e os mantiveram nesta condição.

Com este primeiro projeto do Grêmio, o Colégio ficou mais entrosado, unindo Alunos e Funcionários na brigada saudável em busca do prêmio, com todos comentando a colocação de cada participante nos corredores e no recreio. Nossa maior recompensa foi poder ajudar os que precisam com os 135 kg de alimentos arrecadados.

Outro grande evento foi a Festa Julina, marcada em data ingrata devido ao calendário apertado: no dia seguinte ao fim das provas de Alunos de 8ª Série ao 2º Ano, quando muitos Alunos já viajavam, e no mesmo dia da festa do Santo Inácio, outro grande colégio da Zona Sul. A dificuldade na organização foi compensada pela participação do DJ Sérgio Feijó e pelo excelente show do Trio Potiguá, além das habituais brincadeiras e gincanas que animaram o público.

Próxima Missão

Nossa próxima missão é a elaboração de um jornal - uma parceria entre os Grêmios - que atinja todos os Alunos. Temos também um projeto educacional sobre reciclagem de papel. Para podermos viabilizá-lo, construiríamos uma gráfica que tivesse as máquinas e os materiais necessários. Aproveitando esta movimentação, criaríamos aulas depois do horário curricular para os interessados em aprimorar a escrita e conhecer o ambiente de uma redação jornalística.

Nosso site já está no ar (www.csvp.g12.br/gesv.htm) e nosso jornal “Artigo Quinto, Parágrafo Nono” - em referência à lei da Constituição brasileira sobre a liberdade de expressão -, também terá versão on line.

**Gabriel Góes Barreira (2ª C)
e Isadora Barros (1ª A)**

Alunos de todas as séries pintam o muro do pátio

Posse do Mini Grêmio



CSVP atua na formação de mil Professores na Bahia

O Colégio São Vicente de Paulo e a Província Brasileira da Congregação da Missão deram início este ano a uma iniciativa ambiciosa: a formação continuada de cerca de mil Professores nos municípios de Serra do Ramalho e Carinhanha, no interior da Bahia. O objetivo final é que cada unidade escolar tenha o seu projeto pedagógico, que deve ser igual ao tipo de cidadão que eles querem formar. “Nossa proposta é na linha da transformação social, uma pedagogia transformadora. A educação é a base para a transformação social”, resume Padre Geraldo Mól, coordenador do projeto.

As duas cidades foram escolhidas por já serem conhecidas pela Província, que já tem paróquia e trabalhos locais. Serra do Ramalho e Carinhanha são municípios vizinhos e ficam a mais de 800 km de distância de Salvador, na margem



O grupo voluntário do CSVP que viajou para a Bahia

esquerda do Rio São Francisco. Em região semi-árida e com baixo índice pluviométrico anual, as duas cidades têm baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Segundo dados do Censo de 2000, dos 27.300 habitantes de Carinhanha, somente 8.300 possuem algum rendimento. Serra do Ramalho começou a ser formada

em 1970 com o reassentamento de famílias que vinham das regiões de construções de barragens, principalmente a de Sobradinho, e é formada por 23 agrovilas. Somente a agrovila da Sede Municipal tem a infra-estrutura sugerida no projeto original. Uma das agrovilas possui uma aldeia indígena com 14 famílias.

O voluntário precisa ser humilde

O convite para participar do projeto de Serra do Ramalho chegou inesperadamente, em dezembro de 2005, quando já sentia saudades do projeto de Cocos, em que pude viver experiências inesquecíveis e descobrir a importância do trabalho voluntário realizado com seriedade e dedicação.

Feliz, aceitei a convocação. Naquele momento, refleti sobre os motivos que me mobilizam em direção ao trabalho voluntário, descobrindo dois componentes fundamentais: o desejo de doar tempo, energia e conhecimentos como resposta a uma inquietação interior e a um impulso solidário que, levados à prática, têm potencial transformador e permitem o meu crescimento interior, e a consciência dos problemas da realidade, que me leva à luta

por um ideal, ao propósito de me tornar um agente de transformação social.

Em Serra do Ramalho, confirmei algumas exigências do trabalho voluntário, a primeira das quais considero a mais relevante: é preciso ser humilde. O fato de estar ajudando os outros não significa que o voluntário seja superior a eles, nem que deva ser reverenciado por seu trabalho. O sucesso das atividades depende da parceria estabelecida entre as pessoas envolvidas no processo.

A segunda constatação é a de que o trabalho voluntário exige o mesmo grau de profissionalismo que o realizado em uma empresa, se não maior. Em Serra do Ramalho, como já ocorrera em Cocos, desenvolvemos um plane-

jamento construído de acordo com os mais atuais pressupostos pedagógicos.

Ainda assim, o trabalho exigiu inúmeras adaptações do planejamento, o que sempre ocorre no momento em que se conhece de perto uma realidade. Decorre disso outro importante ensinamento: é preciso aceitar críticas ao trabalho. Por mais meritória que seja a causa, não se pode desanimar diante dos insucessos porque eles são frequentes e, sobretudo, construtivos.

Ao participar de cada etapa do projeto em Serra Ramalho, peço ao Senhor que nos ilumine nesta jornada, colocando-nos a seu serviço e ao de nossos irmãos.

Professora Vera Bomfim

Projeto dura 5 anos

A preparação do projeto começou no final do ano passado, em reuniões com o corpo técnico das Secretarias Municipais de Educação, diretores e professores de escolas e a comunidade educativa nas duas cidades. Tem previsão de durar cinco anos e está dividido em dez módulos, que são as idas do grupo às cidades, realizadas sempre em janeiro e julho. Entre as viagens, os contatos são feitos principalmente por telefone e fax.

“Criamos um ‘sonho’ com as perguntas – Que país você quer ter amanhã? Que cidadão você quer formar? – e estamos balizando o caminho a cada módulo. Queremos que, ao final dessa jornada, eles próprios sejam capazes de dar continuidade ao projeto”, explica Pe. Mól.

Márcia Vieira e Maria Elazir também fazem parte da equipe gestora e trabalham no eixo central do projeto: o aspecto pedagógico. Segundo elas, é uma proposta bastante ousada porque não se restringe apenas a levar um grupo de pessoas para conversar com os professores. “A nossa intenção é que eles se conscientizem da importância deles enquanto educadores e enquanto agentes num processo de construção de uma proposta que busca uma melhoria da qualidade de vida destas comunidades”, explica a Professora Márcia Vieira.

“No primeiro encontro, tentamos delinear com eles o que seria a proposta ideal de educação da rede municipal. No segundo, começamos a consolidar esta visão, procurando sensibilizá-los e efetivamente fazer com que eles pensem nos caminhos para a construção desta proposta de educação”, acrescenta a Professora Maria Elazir.

No primeiro módulo, havia 26 pessoas envolvidas; no segundo, 42. São pedagogos, psicólogos, sociólogos, assistentes sociais, um grupo bem eclético.

“Desejamos envolver a todos: Pais de Alunos e os Alunos do Ensino Médio, através do Grêmio. Mesmo os que não podem viajar têm possibilidade de ajudar doando material ou trabalhando aqui a partir de informações enviadas de lá. Além disso, todos podem doar livros, tanto de literatura quanto didáticos, para as bibliotecas que estamos criando em cada cidade”, incentiva Pe. Mól.

Cooperativas e lideranças

Além da Formação de Professores, foram criados em Serra do Ramalho e Carinhanha outros dois projetos com duração de três anos cada um: o de Cooperativas Populares, que, em Serra do Ramalho, é composta por mulheres para geração de trabalho e renda, como a agricultura familiar e o artesanato, e, em Carinhanha, é composta por homens e mulheres artesãos; e o Curso de Políticas Públicas, com a participação dos agentes de Pastoral da Paróquia local, bem como de líderes comunitários, membros de sindicatos, agentes sociais, representantes da prefeitura, de conselhos de direitos e de conselhos tutelares.

Deise Santana é Assistente Social da Província e conta que em julho esteve no povoado de Barrinha, em Carinhanha, onde foi construída em outubro do ano passado, com o apoio da Província, uma barragem para aproveitamento da água da chuva: “Tentamos ir ao povoado em janeiro, mas era época de chuva e o carro atolou na estrada, não conseguimos chegar. A nossa contribuição agora foi trabalhar com a comunidade local possibilidades de aproveitamento da água da barragem, como por exemplo tipos de plantações que se adaptam melhor ao clima, cuidados com a água e o solo”.

Ela conta, feliz, que a barragem foi feita com previsão de atender a 64 famílias, mas já está atendendo o dobro,



(1) Professores desenvolvem atividade de Português, (2) Paróquia São José, em Carinhanha (3) Pe. Mól: missa pelo aniversário da construção da barragem

Uma oficina com barulho de pensamento

Acordar e ler um jornal; ligar a TV e ver o noticiário de sua cidade; comprar revistas; ir ao cinema, teatro, centros culturais... Situações cotidianas presentes em algumas cidades, mas que são pouco freqüentes no município de Serra do Ramalho. Lá, o comum é não ter acesso aos mais variados direitos humanos.

Para fazer uma análise crítica dos meios de comunicação social em uma oficina oferecida aos Professores deste município, em julho deste ano, foi preciso primeiro verificar quais eram as mídias existentes. Os canais de comunicação encontrados foram o rádio e a TV. Jornais e revistas são artigos de luxo, mas a Internet às vezes chega por lá, facilitando o acesso à informação e pesquisa. A maior parte da comunicação vem através das antenas parabólicas. Ter uma antena é sinal de status.

Preocupações com status, consumo e estereótipos criados pela mídia estão muito presentes em Serra. Muitas casas não têm sofás ou camas, mas têm antena. Na aldeia indígena, vimos pendurados na parede de uma casa um pôster do programa de TV "Rebelde" e um relógio do Flamengo. A TV e a antena parabólica estavam presentes na aldeia indígena. Percebemos como eles se apropriam da cultura do outro e se desapropriam da sua.

Para que a sociedade respeite as diferenças culturais e valorize o outro, é indispensável uma comunicação democrática. A evolução tecnológica poderia permitir uma comunicação mais igualitária e equilibrada entre os diversos segmentos sociais; no nosso país, contudo, acontece justamente o contrário:

a comunicação ainda é utilizada para aprofundar as diferenças sociais e não para promover os direitos humanos. A comunicação brasileira é dominada por grupos familiares que controlam quase tudo que é lido, assistido e ouvido pela nação, e que estabelecem o modelo social, a opinião política, a estética - o que é e não é importante.

É preciso que a comunicação seja considerada um direito tão fundamental quanto a moradia, alimentação, saúde e educação. Em Serra do Ramalho, é urgente a conscientização e a concretização desses direitos, pois este município tem um dos menores índices de desenvolvimento humano do país.

Nessa situação de carência, os professores de Serra podem ser multiplicadores para futuras ações transformadoras de sua realidade, dando oportunidades para que as pessoas saibam o que acontece no seu município e tenham acesso a diferentes opiniões e canais de comunicação. Contudo, expressar a sua opinião em Serra ainda não é tão simples, havendo possibilidade de retaliações do poder local. É preciso incentivar as lideranças locais, as mudanças de atitudes nos sindicatos, nas cooperativas, no movimento social organizado.

Serra do Ramalho é carente de livros e de ação crítica, mas não falta barulho de pensamento. Durante a oficina, o desejo de conhecimento, informação e mudanças sociais ficou evidente através do discurso e dos trabalhos apresentados. Pensar faz bem; pensar alto e impresso faz muito bem.

Professora Valéria Baptista



Francisca Alves Ribeiro, Prefeita de Carinhanha, discursando para os professores

auxiliando assim famílias de outro assentamento. "Esta época, seria a época de seca, quando as famílias vendem os animais por falta de condições de mantê-los. Mas vimos o contrário: eles continuam criando os animais por terem água em abundância".

Edevino Panizzi participou do segundo módulo junto com outros representantes da Associação de Pais e Mestres (APM), que participaram dando apoio à equipe de Professores. "Paralelamente, procuramos identificar alternativas possíveis de trabalho e de renda nas agrovilas. Existem atividades como cultura de coco, produção de mel, artesanato em geral, pintura e entalhe em madeira, fabricação de rapadura e doce de leite, que podem proporcionar melhoria na qualidade de vida dos moradores. Há necessidade de técnicos e profissionais de diversas áreas que visem políticas públicas e o incremento das atividades econômicas do local".

Colaboraram: Deise Santana, Assistente Social da PBCM; Edevino Panizzi, Tesoureiro da APM; Pe. Geraldo Mól; Professoras Márcia Vieira e Maria Elazir

O Vicentino está chegando!

Não é de hoje que os Pais nos pedem com insistência e carinho, E COM TODA A RAZÃO, que comecemos um “Vicentino”, uma pré-escola, para que seus Filhos comecem mais cedo conosco e possam alfabetizar-se aqui. Outros pedem não vou dizer um “Vicentão”, mas uma Faculdade. Tudo isso, sempre com razão, não tenham dúvida. Mas agora somos praticamente obrigados por uma legislação específica a começar pelo menos uma classe de alfabetização.

Tínhamos até 2010 para cumprir a lei. Falamos disto com as trinta e tantas escolas que nos mandam Alunos para a 1ª Série. Nossa intenção era começar em 2008, talvez em 2009. Mas duas razões anteciparam nossa decisão. Primeiro, muitas Famílias que já têm um Filho ou Filha conosco pediram que começássemos já, para ajudá-las no transporte, na orientação dos Filhos. Isso nos tocou muito e nos fez considerar a segunda razão que se impunha: é muito prudente abrir já uma classe pioneira e ter um mínimo de experiência ao abrir as cinco ou seis turmas do novo 1º aninho.

Conversamos isso muito francamente com as Escolas que até agora nos mandam seus Alunos, não querendo, de nossa parte, tomar mercado de ninguém para garantir o nosso... O que desejamos foi atender aos nossos Pais e preparar-nos mais competentemente para o futuro necessário. Numa parceria muito responsável com essas Escolas, vamos ter convênios que façam entrar aqui automaticamente os Alunos que essas Escolas prepararem nos seus cursos de alfabetização. É uma transição, sem dúvida, mas são passos pensados em comum, com juízo, lealdade e muita esperança, me parece.

Abriremos turmas de 20 Alunos, uma de manhã, outra à tarde. Usaremos parte da Casa provincial, anexa ao Colégio, preparada para isto e onde já funcionam aulas de música. Essas Crianças terão uma Convivência, em outubro, para as conhecermos, nos amarem e virem felizes!

Pe. Lauro Palú, C. M.

O bom das excursões

Nossas excursões são extraclasse, mas não extracurriculares: estão “dentríssimo” do currículo de cada Série. Não vamos por puro prazer e sem compromisso aos sítios arqueológicos, ao Vale do Paraíba, ao Caraça, aonde for; podemos aprender muito, na estrada e lá. Um exemplo, do 3º Ano:

Daqui até o Caraça vemos as favelas do Cosme Velho e a favelização da serra entre Caxias e Petrópolis; o porto do Rio, a ponte Rio-Niterói, a Linha Vermelha, os processos de urbanização; a Baixada Fluminense, as cidades-dormitórios, a série de motéis, a BR 040 privatizada, os pedágios, a conurbação dos distritos de Petrópolis; o Vale do Paraíba (os três rios), os restos dos ciclos do ouro (a estrada real, o “caminho novo”, do Rio a Ouro Preto), do café (os solares dos barões, as senzalas, a erosão onde se plantou café sem curvas de nível, o depauperamento do solo pela correnteza dos rios sobre pedreiras), do gado (hoje criado extensiva e intensivamente, com confinamento sazonal; as queimadas até hoje nos morros já empobrecidos).

Juiz de Fora mostra o valor dos pólos regionais de um Estado. Santos Dumont recorda o inventor do avião e do relógio de pulso. Barbacena, o clima ideal para tratamento de pulmões; os pinheirais, que chegaram até aos Pinheiros do Caraça; a horticultura técnica, pêsegos, tangerinas; os queijos-do-reino e os outros queijos. Lafaiete e a Estrada Real por Ouro Branco, Ouro Preto e Mariana, a casa do Tiradentes (que andou nestes caminhos) e a Gerda em Ouro Branco, o puro paradoxo... O Quadri-

látero Ferrífero (Congonhas, Mariana, Santa Bárbara e Sabará). A mineração que devasta a vertente leste da Serra do Caraça, as barragens quilométricas de rejeitos da Samarco e a contaminação dos lençóis freáticos. Minas de ouro, bauxita, ferro e manganês. Os eucaliptais “mortos” da Cenibra, sem sub-bosque nem biodiversidade. Os corredores ecológicos. Ouro Preto, a Inconfidência, o Aleijadinho, o Mestre Athayde, a favelização de um Patrimônio Cultural da Humanidade. Mariana, a música barroca, o inchaço urbano provocado pelas mineradoras. Catas Altas, a igreja mais bonita e didática de Minas, a estrada-parque até Santa Bárbara. A serra do Caraça, as convulsões telúricas, as erosões, os terrenos fósseis mais antigos do Brasil. A fauna, a flora, a geologia, a história, a religião, a pedagogia do Caraça. O lobo-guará e seu fascínio... E, chegando em casa, três coisas a cultivar: a documentação, as fotografias e o colecionismo. É um exemplo do que podemos aproveitar e estudar numa excursão só.

Pe. Lauro Palú, C. M.



Conjunto arquitetônico do Caraça

Impor limites ou estimular o crescimento?

Diante dos problemas disciplinares no Colégio, em casa, na sociedade, alguns exigem: “É preciso impor limites a essa meninada”. Quem pensa assim não percebe o fundamental: os meninos e as meninas não podem ser objetos de nosso cuidado ou policiamento; não somos nós que os educamos. São sujeitos de sua própria educação, na medida de sua compreensão, suas capacidades, sua consciência das coisas. Devemos impor limites ou ajudar a aflorar na consciência deles a noção dos seus deveres? Para sermos sujeitos, neste caso, devemos colocar-nos noutra perspectiva, não ficar à mercê ou sob a imposição de quem traça para nós o que devemos fazer.

Em vez de dizer a um adolescente “você deve estudar” ou “você tem que estudar” penso que, para o adolescente e para mim (que sou seu Pai ou Mãe, seu Professor, Inspetor ou Educador), o que de fato realiza um processo de educação é conversar com ele e propor uma experiência de percepção e acolhimento voluntário de algum valor. Dizer, por exemplo: “Você já experimentou estudar com gosto, não apenas para a prova, mas para aprender mesmo, para ter o conhecimento, como coisa boa para você? Você já notou como às vezes se sente feliz e contente por ter feito uma coisa boa, uma coisa de que você gostou, uma coisa que mostrou que você é inteligente, que é capaz, que pode de fato empenhar-se e que, quando se empenha, consegue bons resultados? Você não gostaria de fazer esta experiência e sentir de-

pois o gosto de saber-se capaz, de sentir satisfação por você mesmo, ainda quando ninguém notar que você se esforçou e conseguiu? Você já pensou em agir de modo que seu comportamento ajude os outros, os alegre e anime, para que gostem de trabalhar e estudar e brincar com você? Você topa fazer isto, se nós o ajudarmos, se conseguirmos criar com você condições para você fazer isto de maneira habitual?”

Ajuda e confiança

Neste segundo modo de falar com o adolescente, em vez de três ou quatro palavras, usei 153. É uma frase mais longa e descreve um processo mais longo. O que distingue os dois modos de fazer é que não sou eu que imponho uma obrigação, mas somos duas pessoas desafiando-nos a dar o melhor de nós num engajamento mútuo, que não visa apenas me livrar das impertinências do adolescente, mas abre para nós dois um espaço de colaboração, de estima, de ajuda recíproca, de confiança na capacidade do outro, de verdadeiro bem-querer em relação ao outro e a todos os outros.

Dizemos freqüentemente, numa expressão que Paulo Freire chamou de “liberticida”, que “tua liberdade termina quando começa a minha” ou “minha liberdade termina quando começa a tua”. Em vez de ver os outros como limites de nossa liberdade, de nosso espaço, de nossa vida, é melhor ver os outros como estímulo para nosso crescimento, para nossa liberdade, para nossa felicidade e nossa realização. Cito três exemplos

do que tentamos fazer aqui no Colégio:

a) Quando resolvemos que os Alunos que tiverem que chegar atrasados entrem em sala, sem ter que ficar esperando no pátio o horário do segundo tempo, uns raciocinaram assim: “Agora, pode-se entrar em sala a qualquer hora, não há mais horário de chegar”. O horário continua o mesmo. Mas mudou nossa atitude, para sermos de fato educadores da responsabilidade. Não se trata de horário ou pontualidade, mas de valorizar a presença do Aluno em sala.

b) O silêncio na casa: Para diminuir o barulho no Colégio, não se trata de não gritar, de não arrastar as cadeiras, mas de lembrar-se dos outros, que estão trabalhando e estudando.

c) A seriedade nos compromissos: Nas aulas de educação física, a maioria dos nossos Alunos brinca de jogar futebol, não está “estudando” futebol. Estão felizes, mas não estão aprendendo. Se vem um time de fora e os nossos perdem, então reclamam, choram, se queixam da violência, da deslealdade dos outros, sem autocritica para reconhecerem que, de fato, por terem brincado, não ficaram competentes. Não se trata de competição, mas de competência.

Estas três mudanças de perspectiva podem nos levar muito longe na tarefa de Educadores e Formadores. Mostram que, em vez de impor limites, precisamos estimular o crescimento de nossos Filhos e Alunos, numa linha altamente transformadora do tipo de sociedade que temos.

Pe. Lauro Palú, C. M.

O Colégio São Vicente de Paulo se propõe ter muito mais que uma função estritamente acadêmica. Segundo nossa Proposta Pedagógica, esta Escola pretende constituir-se num espaço para a troca de saberes; em primeiro lugar, para beneficiar os Alunos, ampliando-lhes a visão de mundo; em segunda instância, oferecendo aos Educadores, aos Pais e a toda a Comunidade oportunidades de crescimento educacional e cultural.

Neste momento, estamos ativando nossos recursos para construir com as Famílias este espaço de troca. Nossa intenção é oferecer respostas mais ágeis e mais compartilhadas para os problemas que enfrentamos no cotidiano, bem como divulgar para as demais Famílias e para toda a Comunidade as soluções que possamos encontrar em nossas trocas de experiências.

Nosso Projeto “Pais na Escola” propõe uma metodologia de trabalho em forma de grupos de discussão, divididos em subgrupos que possam permitir aos participantes falarem e serem ouvidos todos os que desejarem. Isto não impede, quando necessárias e solicitadas pelos grupos, a realização de palestras com especialistas e outras atividades que favoreçam a consecução dos objetivos traçados.

O primeiro passo concreto foi dado na noite 2 de maio, quando recebemos para uma conversa com os Pais e Professores em nosso auditório o Dr. Cláudio Feijó, Promotor do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, encarregado da apuração de crimes na Internet. O convite para este encontro surgiu com a preocupação que algumas Famílias têm demonstrado em Reuniões de Pais e Professores,



Promotor Cláudio Feijó e Pe. Lauro Palú

Um espaço para discutir os temas do dia-a-dia

em encontros com Coordenadoras Acadêmicas e com a Equipe do Serviço de Orientação Educacional (SOE) quanto à utilização da Internet (especialmente do Orkut) para difamação, difusão do erro, engano, humilhação e até mesmo para a criminalidade.

Em casos menos freqüentes, porém reais, têm havido procedimentos judiciais nos quais Famílias se colocam em litígio por causa de fatos envolvendo seus Filhos na Internet. Nestas situações, temos sido orientados pelos Promotores, mas como os fatos crescem a cada dia, decidimos que é imprescindível que as Famílias assumam conosco o trabalho preventivo (e corretivo, quando for o caso) em relação aos problemas da Internet.

Durante o encontro, o Dr. Cláudio Feijó fez diversas referências à importância de uma presença permanente e dialogal dos Pais junto aos Filhos e alertou também para o papel facilitador que a Escola pode ter nos processos de

educar para o bom uso da Internet.

O diálogo continuou em nosso Encontro de Pais no dia 16 de maio, também à noite. Desta vez, sem um conferencista, nosso objetivo foi compartilhar as experiências, as dúvidas e os conhecimentos dos Pais sobre o tema, tendo o Colégio por mediador dessa partilha.

Estes dois encontros de maio nos estimularam a pensar em outros que nos levem à reflexão sobre temas que também nos têm preocupado (Escola e Famílias), como por exemplo drogas, sexualidade, influência da mídia em nossos Alunos etc.

Mais uma vez convidamos os Responsáveis para uma nova Parceria. Com certeza, este Projeto vai ajudar-nos uns aos outros na tarefa comum que assumimos, na formação integral de nossos Filhos e Alunos.

Patrícia Mendes Rubim,
Psicóloga do CSVP e Coordenadora do
Serviço de Orientação Educacional

Levaram minha câmera digital! O que a Escola vai fazer?

Alunos e Pais nos perguntam o que fazemos, ou faremos, quando objetos de valor trazidos ao Colégio desaparecem. Em alguns casos, é mesmo uma pergunta, o interesse de saber qual é o procedimento adotado para lidar com situações tão desagradáveis. Em outros casos, essa indagação é um disfarce para encobrir acusações e sugestões tais quais: “Vocês não estão fazendo nada!”; “É necessário tomar providências, como revistar mochilas e colocar a turma toda de castigo até que o objeto sumido apareça!”; “Como aconteceu nas dependências do colégio, devo ser ressarcido do meu prejuízo!”.

Frente a estas posições, é importante uma reflexão para que nossa atuação seja entendida. Em primeiro lugar, é necessário explicar nossa compreensão sobre esses incidentes. Quando crianças pequenas pegam algo de um colega, compreendemos que este ato é um sinal de que algo pode não estar indo bem. A criança se apropria de coisas que não lhe pertencem porque, de alguma forma, se sente roubada de atenção, cuidado e carinho. A partir deste olhar, ambos são vítimas: quem lesa e quem é lesado. Ambos precisam ser ouvidos e acompanhados. É assim que fazemos; conversamos com as crianças (às vezes até com a turma), com os Pais e, a partir daí, fazemos os encaminhamentos necessários.

Em se tratando de adolescentes, a primeira pergunta que nos ocorre é o que está por trás do interesse em

conseguir dinheiro. Em muitos casos, esses jovens podem estar envolvidos em comportamentos de risco e as conseqüências são quase sempre deploráveis. Frente ao inesperado, como as famílias reagem? Será possível para a Família perceber discrepâncias entre o que o Filho consome e o padrão de vida proporcionado pela renda familiar? Mais ainda: será possível perceber o quanto o comportamento deste jovem mudou?

Reflexão com Alunos e Pais

Ao ampliarmos o entendimento da complexidade de situações deste tipo, também devemos nos preocupar com aquele que foi roubado: como se sente o Aluno que não pode deixar seus pertences na Escola em segurança? A equipe vicentina está sempre atenta e preocupada em viabilizar encaminhamentos educativos que ao final possam ensinar algo a todos os envolvidos. Conversamos com os Alunos que têm seus ipods, celulares e relógios furtados, vamos às turmas refletir sobre as conseqüências de tais atos e refletimos sobre o episódio com os Pais. Além de não deixarmos “correr frouxo”, nos preocupamos em conduzir a situação de tal forma que não haja acusações e reduções maniqueístas. Acreditamos que esse tipo de conduta implica em constrangimentos e julgamentos estigmatizantes que em nada combinam com uma instituição pautada na

política da escolha responsável.

Mais uma vez, Escola e Família são chamadas à parceria. É, portanto, numa perspectiva de continuidade com essa linha de reflexão que pedimos aos Pais:

- Orientem seus Filhos para trazerem à Escola somente o material necessário para as atividades pedagógicas;

- Estimulem seus Filhos a se responsabilizarem por tudo aquilo que for trazido ao Colégio;

- Verifiquem os objetos levados para casa por seus Filhos e o acesso que têm a uma série de produtos e eventos, avaliando se tal acesso é compatível com as quantias que recebem em casa e com o tipo de experiência adequada a cada faixa etária.

Por último, ressaltamos a importância de se atuar com assertividade, serenidade e tolerância em relação à expectativa junto aos procedimentos adotados pelo CSVP. Acreditamos que um pronunciamento imediato e um só padrão de atuação inviabiliza o tratamento diferenciado inerente ao caso-a-caso. Damos o devido valor à prudência e à contínua reflexão, alicerces tão marcantes e intrínsecos de uma instituição focada na formação de cidadãos responsáveis que possam contribuir para a transformação social.

Patrícia Mendes Rubim

Inspetores que são Formadores

Inspetores:

Ocupação na Carteira de Trabalho

Formadores:

Verdadeira função em nosso Projeto Pedagógico

Acreditamos na Educação como transformadora do sujeito e conseqüentemente do próprio mundo. Assim, buscamos despertar, em toda a comunidade escolar, a reflexão sobre a prática educativa como constante aprendizado.

Quando nos referimos a toda a comunidade escolar é porque acreditamos que o trabalho educativo não acontece apenas na sala de aula. Existe na Escola um “currículo oculto”, que se expressa em todos os espaços de convivência de que os Alunos usufruem.

Na perspectiva de atualização profissional, realizamos semanalmente um encontro com a equipe de Inspetores, considerando a importância de sua função como formadores de nossos Alunos.

Durante nossos encontros, de 50 minutos, todas as terças-feiras, conversamos sobre os acontecimentos da semana, planejamos o acompanhamento das atividades previstas em ca-

lendário, desenvolvemos sentimento de equipe, buscamos partilha de responsabilidades e avaliamos as ações realizadas e os reflexos das decisões tomadas, sempre à luz dos princípios de uma Educação Libertadora.

Isto quer dizer que nossa prática deve ser orientada para que os Alunos ganhem responsabilidade, desenvolvam a autonomia e assumam a autodisciplina. Essa conquista é feita com muita escuta e diálogo, com a preocupação de conhecer os Alunos como pessoas, procurando observar suas motivações, interesses e necessidades, buscando ultrapassar as ações movidas por normas e regras na direção de um atendimento diferenciado e flexível, que surge da reflexão sobre o convívio respeitoso e fraterno.

Em nossas avaliações podemos observar o crescimento da equipe no acolhimento das individualidades, nas iniciativas que tomam, na preocupação em prevenir problemas disciplinares através da observação e da aproximação cuidadosas, na aceitação de críticas e revisão dos processos de trabalho, o que nos deixa sentir que estamos construindo juntos um quadro de referências para orientar nossas ações futuras.

Um exemplo

Uma experiência que pode ilustrar bem todo esse processo é o que se passa quando um Professor se desentende com algum Aluno em sala de aula e, para acalmar os ânimos ou evitar o prejuízo da aula, o encaminha para o Setor de Disciplina: “Vai conversar com o Antônio” ou “Vai conversar com a Marleninha”. A primeira iniciativa é a de ouvir o relato do Aluno, que já sabe de antemão que a versão do Professor será ouvida após o término da aula. Dependendo da situação, o encaminhamento feito poderá resultar apenas numa reflexão sobre o acontecido, com um encontro reparador entre Aluno e Professor ou poderá ser solicitada, em caso de maior gravidade, a presença da Família do Aluno na Escola. Naturalmente, neste caso, se envolve numa entrevista o Orientador Educacional que acompanha o Aluno. As informações sobre o acontecido são também encaminhadas à Coordenação para um diálogo com o Professor, se for o caso. Uma punição, no nível de suspensão, só é dada em casos extremos, considerando-se que a perda das aulas é sempre prejuízo e não resolve questões relacionais.

Não há, portanto, soluções prontas. O diálogo, a flexibilidade, a busca de recompor um ambiente amigável são linhas de ação que orientam todo o trabalho dos Inspetores, de quem se espera, na reflexão sobre sua prática educativa, estar internalizando as diretrizes pedagógicas de um projeto educacional voltado para a formação de valores.

Nina Maria Vernes da Cunha
Coordenadora Acadêmica





A Aluna Beatriz de Souza (1º A) e Pe. Lauro Palú durante missa

Celebrando datas simbólicas

Várias vezes por ano, as Famílias, grupos especiais de Alunos, os Professores e Funcionários têm recebido cartas que lhes envio, convidando para as celebrações das missas do aniversário do Colégio, da Páscoa, do dia das Mães, dos aniversariantes de quinze e dezoito anos. E tem sido bonito o movimento em relação a isso: primeiro convidei os Alunos e Alunas que fizeram ou iriam fazer 15 anos naquele semestre. Aí os de 18 anos perguntaram por que não os convidava também. E na última vez uma Menina perguntou por que não convidar os que estão fazendo 10 anos... Essas datas “redondas” são muito cheias de apelos e de símbolos...

E as Famílias perguntaram por que não celebrar uma vez por semana, já que o proveito tem sido muito grande, dada a preparação cuidadosa e a realização caprichada de cada liturgia. Vamos atender a esta mais que justa reivindicação, conscientes de que corresponde a uma necessidade real das Famílias e abre um campo novo de influência que permite recuperar muito para a formação religiosa e cristã dos Alunos e Alunas.

Trabalhando nisso intensamente, posso testemunhar o carinho com que o Coordenador da Pastoral, Prof. José Edu-

ardo, se dedica à preparação e celebração desses encontros. Temos tido ensaios de cantos, com todo mundo cantando animado, tivemos na missa de Páscoa uma representação fortíssima dos nossos Co-raís. Tivemos ainda as Crianças pequenas nos ajudando a cantar e a rezar numa das missas do segundo semestre.

Mais do que fazer por fazer, sobretudo evitando desligar os sacramentos da vida, o esforço de todos é dirigido para a catequese, o anúncio da Palavra de Deus, mostrando a incidência do que Deus nos diz e nos pede sobre os quefazeres de cada dia, as obrigações na Família e no trabalho, em casa e na profissão, na criação dos Filhos e na resposta pessoal a Deus e aos seus apelos.

Além dessas missas e celebrações para todo mundo, há os pedidos das Famílias para as missas dos seus falecidos, para os aniversários da Avó, o centenário do Bisavô, a recuperação após a operação delicada. Famílias procuram o jeito de celebrar seus Filhos aprovados nos Vestibulares, os noivados, o emprego depois de dois anos e meio de aflição e insegurança... Os casamentos de ex-Alunos, os casamentos de Pais, como o que celebrei recentemente, quando o Casal celebrava as Bodas de Prata de seu casamento civil e

quis marcar a data com o casamento religioso, apoiados pelos amigos e pelos dois Filhos.

Por causa disso, na missa das Bodas e dos aniversariantes de 15 e 18 anos distribuí um marcador de livros com a lista das “bodas”, de 1 ano (bodas de algodão ou papel) até 100 anos (bodas de jequitibá). Fui à Internet, procurei várias listas, peguei as que me pareceram mais sugestivas, unifiquei os termos e consegui um bom resultado.

[Padre não comemora bodas, que significam casamento. Padre comemora jubileu. Assim, igualmente, o Colégio São Vicente em 2009 não comemorará bodas de ouro, mas seu jubileu de ouro...]

Outro campo destas atividades pastorais realizadas pelo Colégio são as preparações dos Alunos do dia e da noite para batismo, primeira comunhão e crisma. Também tive a alegria de preparar alguns ex-Alunos para o Batismo: Ana e Gustavo, em meses distintos, se prepararam para o batismo, para depois celebrarem seus casamentos, ela aqui mesmo no Colégio, com um colega, também ex-Aluno. Gustavo se casou em São Paulo. Agora, os dois casais estão sendo convidados a se preparar para o sacramento da confirmação de sua fé, a Crisma.

Alguns Pais, Alunos e ex-Alunos já

pediram a Unção dos Doentes (que antigamente se chamava extrema unção...). Na capela do subsolo, com muita emoção e muita fé, fizemos a unção, pedindo a Deus, com o perdão dos pecados, a bênção para a saúde, para o bom êxito da operação, para a completa superação do câncer e dos seus medos.

Pais, Professores, Funcionários e Alunos também pedem a confissão, a graça da reconciliação com Deus e com os outros. Nisto, somos muito ajudados, no Colégio, pelo Pe. Geraldo Ferreira Barbosa, que não trabalha conosco em tempo integral, pois é o Diretor da Província das Filhas da Caridade do Rio de Janeiro. Ele vem, com muita alegria, visitar os Alunos do Curso noturno de Educação de Jovens e Adultos, reservou para eles várias noites, marcou datas em que está disponível para as confissões e tem dado um grande auxílio na assistência espiritual da nossa população adulta.

Com todas estas atividades, não queremos substituir a paróquia, mas desejamos fazer o que nos cabe, como Colégio católico, onde as Famílias têm direito de pedir-nos estes sacramentos e estas celebrações. O fundamental é a consciência de nosso dever de preparar profundamente estes atos de fé, explicitar a mensagem de Cristo em cada uma delas, não ficar apenas no aspecto sacramental, íntimo, mas ajudar cada participante a explicitar sua fé, sua adesão a Deus e seu compromisso social, em favor dos outros, especialmente dos mais necessitados.

Pe. Lauro Palú, C. M.

Visita Canônica

De 11 a 19 de maio, o Visitador da Província Brasileira da Missão, Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, fez a Visita Canônica ao nosso Colégio e à Casa Provincial, a que o Colégio está ligado. O fim da visita é avaliar cada obra da Província, se cumpre o carisma do Fundador, São Vicente de Paulo, se realiza os fins da Congregação, se os Coirmãos se realizam em sua vocação apostólica.

Pe. Agnaldo trabalhou conosco dois anos, antes de ser eleito Superior Provincial. O trabalho no Colégio o preparou concretamente para muitas tarefas que desempenha como Visitador. Já nos conhecendo, dedicou as manhãs de 11 e 18 ao Conselho Pedagógico e às Coordenações dos setores da Casa. Mostrou os fins que a Província busca nas obras, suas urgências e suas propostas de ação.

Pe. Lauro é o diretor do Colégio, coordena e anima o Ensino Médio e Fundamental (diurno e noturno), atende às Famílias e dedica um tempo substancial ao atendimento religioso das Famílias, dos Alunos, dos Professores e Funcionários. Padre Paulo Eustáquio é o diretor administrativo, elabora as planilhas, zela pela adequação dos meios pedagógicos aos fins do Colégio. E anima os vários ramos da Família Vicentina que existem no Rio de Janeiro. Padre Bonfim, recém-chegado da missão de Moçambique, ajuda os Professores e catequistas na preparação e realização das atividades pastorais, como no curso dos Alunos e Alunas do 1º Ano para a celebração da Crisma.

Dia 18, Pe. Lauro apresentou ao Visitador o trabalho missionário desenvolvido no Colégio, para realizar o objetivo da Congregação, pela formação de leigos que se apliquem mais plenamente à promoção e evangelização dos Pobres. A Província tem contado com Professores e Funcionários na formação de Professores na Bahia, em Serra do Ramalho e Carinhanha, e no grupo dos Missionários Leigos Vicentinos, que trabalham em missões e outras atividades da Congregação, na linha de São Vicente, formando multiplicadores da ação evangelizadora e de promoção dos Pobres.

Pe. Agnaldo de Paula e Pe. Paulo Eustáquio em celebração

Pe. Bonfim orienta Alunos da 5ª Série na catequese



São Vicente A Cappella

O Coral São Vicente A Cappella fez em agosto duas apresentações com o Westminster Conservatory Youth Chorale e a Orquestra da UNIRIO: no dia 18, na Igreja da Candelária, e no dia 20, na Sala Cecília Meireles. O Oratório apresentado foi A Criação, de J. Haydn, e as apresentações tiveram entrada gratuita.

Professor que aprende vale a pena

Não foi a primeira nem vai ser a última vez que os Professores e Professoras trataram um tema multidisciplinar. Dos Índios, falaram uma vez História, Geografia, Sociologia, Literatura, Biologia, Religião, Filosofia e Música. Numa das noites reservadas à formação continuada que o Colégio financia e promove de forma corajosa e generosa, o tema agora foi a explosão do Oriente Médio. Não foi uma necessidade profissional, foi antes a angústia pela aflição de dois povos, a impossibilidade de agir, a consciência de que, como Educadores, temos que ajudar os Alunos e as Famílias, o que nos moveu a procurar Colegas de trabalho que estudam o tema para suas matérias.

Jéssica Moura e Alexandre Junqueira, de História e Geografia, e Ramez Philippe, da Biblioteca, que fez uma monografia universitária sobre o tema, esclareceram os conceitos (Islã, muçulmano, shiíta, sunita, fundamentalismo, terrorismo, Jihad etc.), situando os fatos no tempo, e evidenciaram os interesses em jogo e a impossibilidade da paz se prevalecerem as forças cegas do ódio e da violência. A leitura crítica e instrumentada dos meios de comunicação ajuda a descobrir por onde passa o futuro possível, o que impede a paz, quem a deseja, quem a combate.

Pe. Lauro ressaltou a dificuldade do tema e suas implicações e a competência dos Professores e do Felipe ao dar esta ajuda fraterna de modo eficiente e esforçado.

Oficina de Matemática cresce e aparece

A Oficina de Matemática realizada este ano começa a ganhar dimensão condizente com a sua importância. Ainda restrita às Séries do Ensino Fundamental II, a Oficina vem atingindo seus objetivos com o crescimento da participação dos Alunos e com trabalhos muito interessantes, que têm provocado nos grupos estratégias de organização e grande envolvimento com os temas propostos, desde a criação até as diversas fases de elaboração dos projetos.

Este ano, os trabalhos realizados foram os seguintes:

- 5ª série – “A História do jogo de xadrez” – Da origem ao aprendizado.

- 6ª série – “A linguagem dos deficientes visuais e dos deficientes auditivos” – o uso do BRAILE e de LIBRAS para representar as expressões e os sentidos.

- 7ª série – “O Tratamento da Informação, o São Vicente hoje” - uma pesquisa bastante ampla que nos deu o retrato dos alunos da 7ª série à 3ª série do Ensino Médio. Em Desenho Geométrico, apresentaram diversos trabalhos que envolviam construções e figuras geométricas.

- 8ª série – “Grandes Matemáticos e seus Teoremas” – mostrou a aplicação de vários teoremas de forma lúdica e prática. Em Desenho Geométrico os Alunos apresentaram trabalhos que

envolviam escalas de proporcionalidade, softwares usados para construções geométricas entre outros.

Devido à grande necessidade de estabelecer relações entre a matemática e a realidade, a tendência natural desta Oficina é tornar-se cada vez mais um reforço no processo de construção de um conhecimento matemático que redimensione e democratize o saber, um saber que se aproxime dos anseios e aspirações dos novos tempos.

A presença crescente das Famílias nesses eventos tem representado outro fator determinante para o estímulo dos participantes. Os Pais/Avós visitam todos os espaços e, como pessoas preparadas e interessadas na qualificação de seus Filhos/Netos, colaboram bastante ao questionar os expositores sobre a origem, o preparo, o desenvolvimento e o conteúdo de cada trabalho apresentado.

Não há dúvidas de que a Escola (de qualidade) é hoje, o espaço que mais dá esperança de vida digna ao jovem, que ao entender a função da Escola em sua vida, transforma expectativas em realidade, faz do conhecimento a conquista de uma verdadeira cidadania. Aliás, que outro espaço cria tantos sonhos, tem tanta vida e deixa tantas saudades?

Professores: MarluCIA, Maria Concetta, Sérgio Drago e Carla

Os Alunos de 8ª Série Rafael Carvalho, Tomás Pires e Francisco Duarte explicam seu trabalho





Alunos participam da Gincana

1ª Gincana de Inglês

No mês de junho, foi realizada a 1ª Gincana de Inglês no Colégio São Vicente de Paulo. O objetivo geral desta gincana foi desenvolver o potencial criativo, o espírito de liderança e de trabalho conjunto, incentivando a iniciativa individual e grupal, além de promover a integração da 4ª à 8ª Série.

As turmas foram divididas em equipes, que receberam dez tarefas a serem cumpridas até o dia da gincana. Como esperado, os Alunos brilharam ao demonstrar as suas habilidades artísticas e criatividade. No dia da apresentação, as equipes receberam mais duas tarefas surpresa. Na primeira, que foi lançada logo no início da apresentação, as equipes tiveram que usar toda a sua criatividade para formar a sua torcida nos mesmos moldes das de jogos americanos. A segunda tarefa surpresa aconteceu no final das apresentações, quando as equipes tiveram de reconhecer as músicas temas de filmes famosos.

Naturalmente, a expectativa do resultado foi emocionante. As nossas juradas, Patrícia Rubim (Psicóloga do Colégio), Andréa Sotero (Professora de Inglês da 3ª Série do E.M.), Maria Eugênia Pondé (ex-Professora de Inglês do Colégio) e Beatriz Machado (representante da Oxford University Press) classificaram as equipes e exaltaram a participação de todos, independentemente de suas classificações.

Este foi um dia especialmente muito feliz, quando tivemos a oportunidade de conviver com nossos Alunos fora da sala de aula e conhecer melhor nossos artistas, colaboradores, amigos...

Equipe de Inglês da 4ª à 8ª Série

Feira de Linguagem

As Feiras de Linguagem têm sido uma excelente oportunidade de apresentar a toda a Comunidade Escolar a produção de nossos Alunos através de diferentes manifestações artísticas, além de trazer e levantar discussões sobre temas de nossa cultura.

Os projetos apresentados nos diferentes segmentos não foram restritos a um único tema, mas foram escolhidos a partir das especificidades das Séries e dos conteúdos trabalhados ao longo do ano. Acreditamos, assim, estar favorecendo uma riqueza maior de conteúdos e abordagens.

Para este ano de 2006, além dos projetos desenvolvidos nas diferentes séries, trouxemos experiências na Linguagem de Vídeo-Arte como mais uma possibilidade de manifestação artística. A Linguagem do Cinema foi contemplada com experiências desenvolvidas nas aulas de Artes e Filosofia e Cinema. As produções artísticas tiveram espaço especial no Corredor das Artes com trabalhos e instalações dos Alunos do Fundamental e Ensino Médio.

Alguns destes projetos foram construídos desde o início do ano e aproveitamos este momento tão especial da Feira de Linguagem, em que pudemos partilhar com todos como nossos Alunos se expressam em diferentes linguagens.

**Maria Teresa Guedes,
Coordenadora das Bibliotecas**

Manhã Literária

“Todos estes que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!”

Para comemorar o Centenário de Mário Quintana, o que não poderia faltar era poesia. E foi assim, numa grande farra poética, que Alunos de 5ª, 6ª e 7ª Séries prestaram sua homenagem ao poeta. Esta comemoração, teve início em sala de aula, com os Professores de Língua Portuguesa e Literatura, e foi resultado de muita pesquisa dos Alunos sobre a vida e obra do autor.

Todo este trabalho foi compensado pela alegria de ver o grande número de Pais e Alunos que vieram prestigiar a nossa Manhã Literária. E com o auditório cheio de “animação” assistimos ao espetáculo teatral “Ora bolas...!”, montado especialmente para este ano comemorativo do Centenário. Na plateia, Alunos compenetrados e felizes, pois à medida que a peça ia se desenrolando, podiam identificar os seus poemas escolhidos.

A 5ª Série foi responsável pelo Sarau Literário e nos emocionou recitando as suas poesias prediletas da obra do autor. Os trabalhos da 6ª e 7ª Séries foram apresentados numa exposição no 4º andar, onde os Alunos ilustraram, de maneira muito criativa, suas impressões sobre os poemas de Quintana.

Foi uma manhã muito agradável em que Pais, Alunos e Professores tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a vida e a obra de um poeta tão importante como Mário Quintana.

Maria Teresa Guedes,



**Vicente Balthar e Miguel Barrozo (5ª Série)
descobrem Quintana**



Competições esportivas externas

Fomos convidados e participamos de três competições externas no primeiro semestre. A primeira foi a copa JETIX 2006, que reuniu mais de cem colégios para uma competição de futebol e foi realizada nos dias 1 e 2 de abril no Campo do Zico, localizado no Recreio dos Bandeirantes. Nossa equipe foi composta por oito Alunos da 5ª Série: Gabriel Dutra, Gustavo Rosental, Yago Azeredo, Lucas Lage, Lucas Magalhães, Gabriel Villeroy, Miguel Barrozo e Pedro Lemos. Ganhamos o primeiro jogo nos pênaltis, após um empate no tempo normal. No segundo jogo perdemos do Colégio Alfa Cem num jogo muito equilibrado e, como o sistema de disputa dessa competição é eliminatória simples, fomos eliminados.

A segunda competição foi o VII Festival Esporte Arte, na Escola Americana. Participamos na modalidade soccer, na faixa etária de 10/11 anos. Após três jogos realizados nos sagrados campeonatos competindo com alunos dos Colégios Cruzeiro, Eliezer e Escola Americana. A equipe campeã foi composta pelos seguintes alunos da 5ª Série: Lucas Magalhães, Lucas Lopes, Miguel Barrozo, Gustavo Rosental, João Felipe Noronha, Juliano Alves, Yago Azeredo, Matheus Lopes, Lucas Lage e Gabriel Dutra.

Na maior competição do primeiro semestre, participamos dos Jogos Inacianos, evento realizado há vários anos no Colégio Santo Inácio. Os meninos ganharam duas e perderam duas no handebol, ganharam uma e perderam uma no futsal, ganharam no basquete e no vôlei. As meninas ganharam uma e perderam uma no handebol. Parabéns a todos os participantes!

Professor Paulo Pereira Nascimento

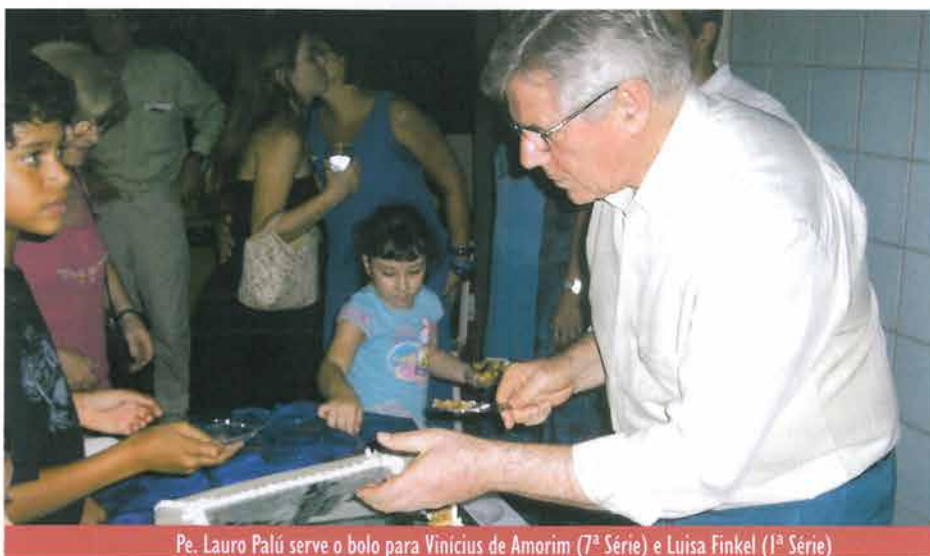
Festa de São Vicente

A festa de São Vicente, dia 27 de setembro, lembra a todos nós sua vida e suas obras. Os Alunos trabalharam a imagem dele, seus retratos, o sorriso, o cabelo branco e a barba, seus gestos de proteção das crianças e de missionário. Várias turmas estudaram também sua vida.

A missa, com nosso capricho habitual, mostrou a fonte onde São Vicente hauria força e inspiração. Outras fontes eram a leitura do Evangelho e a oração, feita em comum com os Padres e Irmãos, as Irmãs da Caridade e os próprios Pobres. São Vicente encontrou a motivação e o modo de servir os Pobres no serviço concreto e dedicado que lhes prestava, para o qual soube suscitar milhares de colaboradores, que formou no mesmo espírito de fé e na mesma devoção e dedicação.

Completamos a celebração com um coquetel, o bolo e os parabéns. Além dos da Casa, convidamos benfeitores e amigos do Colégio, gente ligada a nós de muitas formas, como os ex-Alunos do Seminário do Caraça, antigos Professores e Coordenadores do Colégio etc.

Este ano, comemoramos São Vicente continuando sua missão, como nos projetos sociais no sertão baiano e em Brasília, na formação de multiplicadores e na organização da caridade, como vem contado noutras páginas desta edição de nossa Revista.



Pe. Lauro Palú serve o bolo para Vinicius de Amorim (7ª Série) e Luisa Finkel (1ª Série)

Multiplicadores na Ação Social

A solidariedade sempre existiu no CSVP. Para ajudar Famílias que estão abaixo da linha de pobreza, alguns Pais, Mães e Professores fundaram o MAS (Multiplicadores na Ação Social). Continuando o apoio do Colégio à Comunidade Chico Mendes, os membros do MAS iniciaram visitas mensais para ver as condições de vida e verificar as necessidades imediatas das famílias.

O MAS distribuiu cestas básicas com alimentos doados pelos Alunos, ofereceu palestras de médicos, nutricionistas e dentistas sobre noções de higiene, aproveitamento de alimentos de baixo custo, controle de natalidade e vacinação. As Famílias serão orientadas sobre como obter documentação básica (certidão de nascimento, carteiras de identidade e de trabalho e CPF) e sobre cursos profissionalizantes oferecidos pelo Senai e pela Universidade Estácio de Sá.

Os encontros do MAS acontecem nas terças-feiras, às 18h, no CSVP. O produto das oficinas de artesanato é vendido nos bazares, com renda para o projeto Chico Mendes. Contamos com as sugestões das Famílias do Colégio e com seu apoio no envio de roupas e alimentos.

Professora Marlúcia Silva de Oliveira



Vento Bom posa ao lado da Professora Sônia Jospin e Alunas da 2ª Série

Vento Bom entre nós

Ele nasceu nas margens do rio Ipanema, um afluente do rio São Francisco, no estado de Pernambuco, nos domínios da tribo FULNI-Ô (povo da beira do rio). Recebeu o nome de XIMAYAKAKÁ, que significa Vento Bom, pois quando nasceu sua mãe olhou para a mata e viu que “ventava muito bom”. Esta é uma tradição da tribo: no momento do nascimento, a mãe índia dá nome à sua criança segundo os acontecimentos ao redor.

Desde pequeno, era muito irrequieto e resistente às descaracterizações culturais e às invasões que sua tribo sofria. Com a ajuda da Igreja, foi para Garanhuns aprender a Língua Portuguesa. Concluiu o Primeiro Grau e foi para Brasília acompanhar de perto as ações da FUNAI e do Ministério da Justiça, aprofundando ainda mais o contato com a - como ele mesmo diz - “sociedade envolvente branca”, não necessitando mais de intérpretes ou intermediários para expressar seus anseios, suas demandas e denúncias.

E este Vento Bom chegou até nós, no São Vicente, divulgando, a partir de um olhar interno, o seu olhar, as riquezas e mazelas das culturas indígenas em nosso país, a questão ambiental, com os desmatamentos, a poluição e outros males que afetam tão profundamente a todos nós. Falou-nos sobre o modo de viver e pensar próprios das sociedades indígenas sobre o meio ambiente. Procurou dar-nos uma visão clara dos problemas que essas sociedades vêm enfrentando em defesa de seus direitos e de seu território.

Ao refletir com nossos Alunos, crianças e adolescentes, procurou resgatar os verdadeiros valores da nossa História, apostando na esperança de poder estar plantando, nos corações dos homens e mulheres do amanhã, uma melhor postura social e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento de líderes e governantes mais conscientes e solidários.

Equipe ComPasSo

Cuidados ao contratar Transporte Escolar

Nos últimos anos, a APM pôs à disposição dos Pais uma lista de pessoas ou empresas que fazem transporte escolar e que, na ocasião dessa lista, estavam com a documentação em dia. Nem a APM nem o Colégio indicam especificamente uma empresa. A escolha fica a critério dos Pais. A APM alerta as Famílias para os riscos que podem correr com empresas não regularizadas. Para segurança dos seus filhos, procurem selecionar aquelas que tenham registro atualizado no SMTU e certificado de vistoria do ano corrente. É importante que a empresa possua motorista profissional e com registro em carteira. Contrato feito com empresa não legalizada poderá ter um custo menor, mas certamente significará correr riscos bem maiores.

Festa Julina:

Mães ajudam nas barracas

Assim como no ano passado, repetimos a dose e tivemos dois dias muito alegres de Festa Julina no Colégio São Vicente de Paulo. A primeira aconteceu no dia 7 de julho e foi realizada pelo segmento de 1ª a 4ª Série do Ensino Fundamental. Durante o horário escolar, nossos Alunos tiveram a oportunidade de brincar nas barraquinhas, se deliciar com comidas típicas e participar das gincanas montadas pelos Grêmios.

Neste ano, pudemos contar com a participação de algumas Mães de Alunos de 3ª e 4ª Séries, que ajudaram a abrilhantar a Festa, trabalhando nas barracas. A quadrilha de cada Série foi apresentada aos Pais em horário determinado.

No dia seguinte, realizamos a Festa dos segmentos de 5ª Série E.F. ao 3º E.M. Para este evento é formado um grupo de trabalho composto por representantes da administração, da APM, da ComPasSo, do Gregi (Grêmio de 5ª a 7ª Série) e do Greco (Grêmio da 8ª Série ao Ensino Médio). Estas pessoas são responsáveis por toda a preparação da Festa Julina, desde o número de barracas até a organização da Gincana Solidária.

Equipe ComPasSo



Quadrilha de 3ª Série anima a festa

Semana de Informação Profissional

Este ano, o Serviço de Orientação Educacional (SOE) inovou ao substituir a Feira do Trabalho, que acontecia num sábado, pelo que acabou sendo mais do que uma Semana de Informação Profissional. De 8 a 23 de maio aconteceram diversas atividades com os mesmos objetivos: despertar em nossos Alunos a curiosidade sobre as mais variadas profissões e o mercado de trabalho, informar sobre os cursos universitários e, principalmente, chamar a atenção para o conhecimento da realidade do mundo.

Os dez Painéis de Profissões aconteceram à noite e foram muito produtivos. Convidamos familiares de nossos Alunos, que se ofereceram durante as reuniões de Pais, e ex-Alunos, selecionados a partir do interesse dos Alunos do 3º Ano. Estas atividades despertaram muito interesse, mesmo sendo fora do horário de aula, chegando, no total das noites, a 238 presenças de Alunos. Cada painel reuniu profissionais de áreas afins, assim distribuídos: Bio-Médica; Ciências Humanas e Sociais; Comunicação; Área Gráfica; Profissões Humanas; Área Artística; Engenharia; Psicologia; Área Biológica e Ambiental; e Ciências Exatas da Terra.

No dia 8, numa palestra para a 2º e 3º Anos do Ensino Médio sobre Mercado de Trabalho, Renato Mendes e Senna, Pai de nossa Fernanda, mostrou aos Alunos que o profissional do século XXI deve ser um generalista, que procure resolver todos os problemas e vencer todos os obstáculos.

A mesa-redonda “Cidadania, Trabalho e Inclusão” aconteceu no dia 10 para a 8ª Série e o 1º Ano do Ensino Médio, unindo o tema da “Semana” ao da Campanha da Fraternidade. Recebemos quatro profissionais que trabalham com autonomia e que são pessoas com necessidades especiais:

Paulo Romário, músico e deficiente visual; Thiago Borges Pompeu, garçom do La Mole e portador da Síndrome de Down; Ronize Conceição de Oliveira, coordenadora da Datrapev e deficiente auditiva; e Rogério Andreoli, ator, bailarino e cadeirante. Estas pessoas tão especiais vieram dividir conosco suas vivências e experiências profissionais, emocionando a todos com a sua garra e vontade de viver.

Nos três últimos tempos da manhã do dia 12 houve a Feira das Universidades, quando as principais instituições públicas e privadas de ensino superior trouxeram informações sobre seus cursos e vestibulares de acesso.

No dia 23, o coordenador do Vestibular da UFRJ, Luiz Cláudio, veio dar uma palestra para os Alunos do 3º Ano sobre os cursos e o acesso à maior universidade do país.

Além destas semanas, participamos das visitas às universidades que ofe-



Painel de Profissões

recem este tipo de serviço: “PUC por um dia”, “UFRJ de portas abertas” e “Jogos Administrativos” do IBMEC. Esperamos, desta forma, dar instrumentos para que nossos Alunos façam uma boa escolha profissional.

**Maria Eleonora Caldeira e
Maria Clara de Castro Borges,
do Serviço de Orientação Educacional**

A série de palestras de Pais e Ex-Alunos foi a atividade de que **Tito Susini Mariante**, do 3º Ano A, mais gostou. “Foi muito proveitoso”. Ele sempre achou difícil escolher só uma entre as várias profissões que o atraíam. Antes mesmo de passar para a primeira faculdade, ele já sabe que provavelmente vai fazer mais de um curso. Com as informações que recebeu no CSVP, conseguiu focar em duas profissões: Engenharia e Economia.

Clara Vilhena Nascimento, do 3º Ano A, também sempre teve muita dúvida sobre qual profissão escolher. Ela aproveitou bastante os encontros vocacionais promovidos pelo SOE. “Fiz todos. Para mim, o resultado final não era o mais importante, mas ao fazer cada teste, era a hora de parar e pensar só na profissão, imaginar o local de trabalho, tentar me colocar como aquele profissional desempenhando a função. Isso me ajudou a escolher”.

A Semana de Informação Profissional foi fundamental para **Zaira Costa Chaves**, do 3º Ano A, tomar sua decisão: “Desde cedo eu havia decidido prestar Vestibular para Direito, mas ao fazer a Orientação Vocacional, muitas dúvidas surgiram. Na Semana, recebi várias informações nos estandes das universidades e nas mesas-redondas com as palestras de Pais de Alunos. Acabei mudando totalmente de idéia: escolhi Economia”.

Os Alunos do 3º ano

3A

Alice Motta da Cunha Gonçalves, Caio Fahham Saporito, Clara Vilhena Nascimento, Cristiano Velloso Pereira Medeiros, Daniela Baptista Galeão, Guilherme Carvalho Vidaurre, Guilherme de Castro Tavares Braga, Guilherme M. Valente de Figueiredo, Gustavo da Costa e Silva Duarte, Gustavo Polari de Alverga Kritski, Joana Burdman Rodrigues, Julia Pinheiro Reis de Athayde, Laíz de Deco Acar Trambaioli, Lara Peccini Garcia, Laura Fisher Nucci, Leila Segre Levy, Leo Fontes Paes de Carvalho, Livia Cathiard Giorgi, Livia Rotstein Ramalho, Marcelo Bruno, Mariana Costa de Mattos, Mariana Dias Drumond Alegria, Marina Garcez Alves da Silva, Nathalia da Silva Portella, Pedro Aguiar Borges, Pedro Passos Sanmartin, Priscila Maciel Teixeira, Raphael Marques Toews Parra, Renata Vega Miziara, Ricardo Felicio de Souza, Stefanie Grabas Hauaji Saadi, Tito Susini Mariante, Zaira Costa Chaves.



3B

Ana Clara Santos Cruz, André Cavendish W. J. de Moares, André Gustavo Ribeiro Batista, Bernardo Rolim Rangel, Bruno Cesar Gomes, Bruno Gaeta Prette, Carolina de Aquino Xavier, Clara de Paiva Acselrad, Clara Schreiber Maia, Clarice Alves Mesquita, Daniel de Vicq Acioli Moura, Diogo Moreira Faria de Freitas, Eduardo Tati Nóbrega, Guilherme Guimarães Vasconcelos, Gustavo Caldas de Almeida Heilborn, Hugo Lannes Castellan, Ivan Madeira de Oliveira, João Gabriel Rabello Sodrê, José Hugo Wyss Castelo Branco, Julia Monteath de França, Juliana Salomão Carvalho, Julio Cesar de Barros Ferreira, Leonardo Esteves Cortes Salvo, Livia Gonçalves de Melo, Luiza Vainfas, Marc Machado Franken, Marcela Soares Araújo Moreira, Marcos Sá Carvalho Pereira, Mateus Iusten Prohmann, Nina de Amorim Freitas, Paulo Quintanilha Falcão, Pedro Pessoa de Mendonça Guadagnini Vogt, Rafael Cordilha Komatsu, Rafael Mattos Missagia, Rafael Munk, Raphael Taucei Panizzi, Renata Miguez Ladogano, Victor de Lucca, Vinicius Leite da Silva Amaral.



3C

Anne Kelly Leroy Pinto, Beatriz Ventura Abreu, Bruno Barbosa Ramos, Bruno Barroso Pimentel, Carolina de Carvalho Bethlem, Carolina Maiolino de Queiroz, Cecília Fonseca Federman, Clarissa Mattos Farias, Cristina de Paula Avelino, Diogo Cuiabano de Medeiros, Elisa Martins Ferreira, Fernanda Bezerra de Mello Monte, Fernanda Krauss Campello, Fernanda Simões e Senna, Flávia Macedo Couto, Frederico Rollin Pinheiro Bastos, Gabriel Duncan Kastrup de Faro, Gabriela Cavalcanti Roméro, Guilherme de Souza Almeida, Isabella do Amaral Mendes, João Felipe Dickson Rebelo, João Teixeira Oliveira de Menezes, Julia Fernandes Travassos, Júlia Ferreira de Vilhena, Júlia Madureira Pareja, Júlia Martins da Fonseca Guimarães, Júlia Souza Cabo, Laura Puggina Pelosi, Lucas Rocha Motta, Maíra Barbosa de Paiva Melo, Marina Baird Daflon Ferreira, Nina Schilkowsky Ramos, Renata Hamilton de Ruiz, Rodrigo Lima Prestes, Rosana Seager, Sofia Albuquerque Novak, Suzana Till Neves, Thiago Galvão Duro, Thiago Taucei Panizzi, Thor Weglinski, Victoria Visco Mendonça.



"DEFICIENTE"

É aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de seu destino.

"MUDO"

É aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

"CEGO"

É aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria. E só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

"PARALÍTICO"

É quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

"SURDO"

É aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

"LOUCO"

É quem não procura ser feliz com o que possui.

"DIABÉTICO"

É quem não consegue ser doce.

"ANÃO"

É quem não sabe deixar o amor crescer.

E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois **"MISERÁVEIS"** são todos os que não conseguem falar com Deus.